

Macau 澳門



REGRESSO À NORMALIDADE

Com o fim das restrições ligadas à COVID-19, as ruas de Macau voltaram a encher-se de turistas. Agora, a prioridade do Governo é estimular a recuperação económica



INTEGRAÇÃO REGIONAL
SECTOR TURÍSTICO EM
EXPANSÃO EM HENGQIN



TRADUÇÃO E POESIA
TRAIÇÃO OU
(RE)ENCONTRO?

ENTREVISTA
EMBAIXADOR CHINÊS ANALISA
RELAÇÕES PEQUIM-LISBOA





中國-葡語國家經貿 合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

葡語國家食品資料庫
BASE DE DADOS DOS PRODUTOS ALIMENTARES
DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

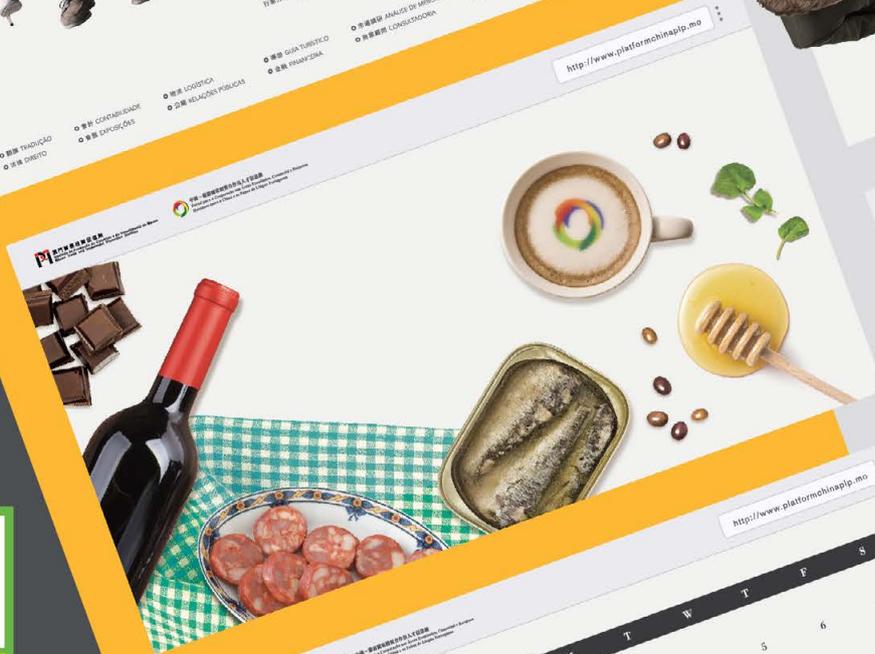
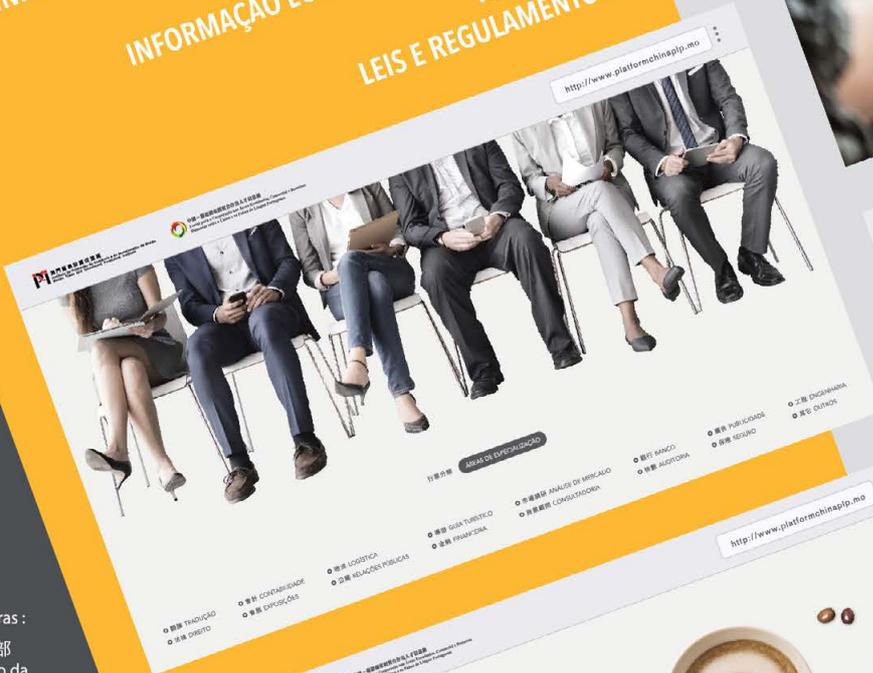
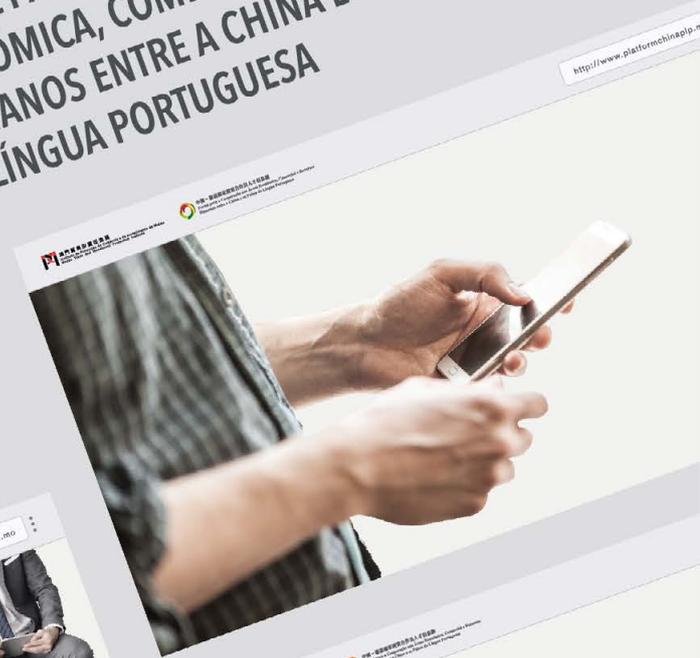
中葡雙語人才資料庫
BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
QUALIFICADOS EM CHINÊS E PORTUGUÊS

專業服務供應商
FORNECEDORES DE SERVIÇOS PROFISSIONAIS

會展資訊
INFORMAÇÃO SOBRE CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES

經貿信息
INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL

法規資訊
LEIS E REGULAMENTOS



主辦單位：
Entidades Organizadoras:

中華人民共和國商務部
Ministério do Comércio da
República Popular da China

澳門特別行政區政府經濟財政司
Secretaria para a Economia e
Finanças da RAEM

承辦單位：
Entidade Coordenadora:



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento do Macau
Macau Trade and Investment Promotion Institute



platformchina.plp.mo



掃描WECHAT
中國-葡語國家經貿合作及人才信息網

WWW.PLATFORMCHINAPLP.MO

S	M	T	W	T	F	S
						7
1	2	3	4	5	6	13
						14
9	10	11	12	13	14	21
						22
						23
						24
						25
						26
						27
						28

Macau 澳門

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804 Edifício China Plaza, 15.º andar, Macau

TEL. (+853) 2833 2886 | FAX (+853) 2835 5426
info@gcs.gov.mo | www.gcs.gov.mo

DIRECTORA

Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

TEAM Publicações e Consultoria Lda
Avenida da Praia Grande, n.º 763,
Edifício Lun Pong, 9.º andar B, Macau

TEL. (+853) 2835 3934 | FAX (+853) 2835 3934
revistamacau@teampublishing.com.mo
www.teampublishing.com.mo

EDITOR

Tiago Azevedo

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Emanuel Graça

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

Ashley Chou

TIRAGEM

500 exemplares

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

ISSN

0871-004X

Escaneie o nosso código QR e siga-nos nas redes sociais:



FACEBOOK



INSTAGRAM



TWITTER

App da Revista Macau disponível em:



Website:



www.revistamacau.com.mo



MACAU NO PÓS-PANDEMIA ◀ 8

Em Janeiro, o território reabriu as fronteiras a turistas do exterior e aliviou as políticas contra a COVID-19. O virar do ano lunar trouxe a expectativa de um novo impulso à economia local



METER AS MÃOS NA TERRA ◀ 16

Em Coloane, há um espaço que disponibiliza pequenos lotes para o público experimentar cultivar os seus próprios vegetais



UM MUNDO DE ESCOLHAS ◀ 20

A plataforma Go Out Mall aposta no comércio electrónico para promover produtos turísticos e de lazer de Macau e mais além



ENTREVISTA

MARCA PORTUGAL COM POTENCIAL NO MERCADO CHINÊS ◀38

As relações entre a China e Portugal continuam a crescer e há um interesse mútuo em aprofundá-las, especialmente no que toca ao investimento, cultura e educação, defende o Embaixador Zhao Bentang



Hengqin, destino turístico emergente ◀30

Novos empreendimentos turísticos na ilha vizinha estão a atrair cada vez mais visitantes, trazendo também oportunidades para Macau



As voltas da língua na tradução poética ◀54

Autores e tradutores falam do esforço hercúleo de aproximação de idiomas – e sensibilidades – exigido pela tradução de poesia portuguesa para chinês

OUTROS TEMAS

26 ▶ CASA DE CHÁ LONG WA FIEL AO PASSADO

44 ▶ REABERTURA DA CHINA ESTIMULA RELAÇÕES COMERCIAIS



50 ▶ COMUNIDADE TIMORENSE UNIDA NA SAUDE

64 ▶ MUSEU DO ORIENTE, QUINZE ANOS A PROMOVER O DIÁLOGO MULTICULTURAL



70 ▶ ESCRIMA: FORMAÇÃO E QUALIDADE APOSTAS NUM DESPORTO EM EXPANSÃO

+MACAU

+ 78

A cidade para lá do estirador segundo Christine Choi



+ 83

Antonieta Manhão e os sabores com futuro



+ 86

Roteiro





© CHEONG KWAN KA

Normas para Zona de Cooperação Aprofundada em Hengqin entram em vigor

Entraram em vigor no início deste mês as “Normas para a Promoção do Desenvolvimento da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”. O diploma, aprovado em Janeiro pelo Comité Permanente da Assembleia Popular Provincial de Guangdong, foi promulgado no mês passado.

O documento surge no seguimento do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin”, publicado em Setembro de 2021 pelo Governo Central.

As normas estão divididas num

total de oito capítulos e 66 artigos. O respectivo conteúdo abrange tópicos como o planeamento e construção da Zona de Cooperação Aprofundada, bem como o respectivo sistema de gestão. O documento aborda ainda a promoção do desenvolvimento de novas indústrias no seio da Zona de Cooperação Aprofundada, além da facilitação da vida e emprego dos residentes de Macau que optem por ir morar ou trabalhar em Hengqin. Outras áreas visadas pelas normas são a promoção da integração de Macau e Hengqin, e o reforço da salvaguarda do primado da lei.

Governo assina acordo com Peking Union Medical College Hospital

O Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) assinou em Fevereiro um acordo de cooperação de longo prazo com o Peking Union Medical College Hospital, prestigiado hospital universitário localizado em Pequim.

Segundo o estipulado, após a entrada em funcionamento do Centro Médico de Macau – também conhecido como Complexo de Cuidados de Saúde das Ilhas –, o Peking Union Medical College Hospital irá cooperar com as autoridades da RAEM na operação e gestão do espaço, de forma a posicioná-lo como um centro médico de referência a nível regional.

Além da área dos serviços de cuidados de saúde, o acordo assinado em Fevereiro cobre temas como a educação médica e investigação científica, bem como a promoção do desenvolvimento de uma indústria local da saúde (“big health industry”).



© USMAC

INTEGRAÇÃO REGIONAL

SAÚDE



Central de Depósito de Valores Mobiliários celebra um ano de operações

O valor total dos títulos de dívida e bilhetes monetários sob custódia da Central de Depósito e Liquidação de Valores Mobiliários de Macau atingiu já cerca de 70 mil milhões de patacas. O número foi divulgado pelo Secretário para a Economia e Finanças, Lei Wai Nong, por ocasião de um evento em Janeiro para assinalar o primeiro ano de operações da entidade.

Entre as obrigações sob custódia da Central de Depósito e Liquidação

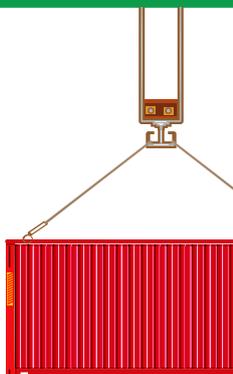
de Valores Mobiliários de Macau encontram-se títulos do Estado, títulos de dívida do Governo Popular da Província de Guangdong, obrigações empresariais, obrigações financeiras e bilhetes monetários emitidos pela Autoridade Monetária de Macau.

A entidade, lançada em Dezembro de 2021, enquadra-se na iniciativa de promover o desenvolvimento do mercado obrigacionista local, visando estimular a diversificação económica do território.

FINANÇAS

4,3%

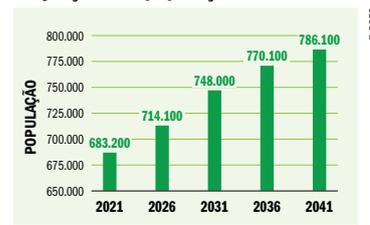
Crescimento anual das exportações de mercadorias registado em Macau em 2022, com o valor total a fixar-se em 13,52 mil milhões de patacas.



NÚMERO

População sempre a subir

Projeções da população total



A população de Macau deve aumentar de 683.200 pessoas em 2021 para 786.100 em 2041, de acordo com as mais recentes estimativas oficiais. Em 2041, a esperança média de vida da população local deve fixar-se em 83 anos para os homens e 89 anos para as mulheres.

GRÁFICO



“Estão a surgir múltiplos factores positivos que darão um forte impulso ao desenvolvimento de Macau”

HO IAT SENG
CHEFE DO EXECUTIVO

Mensagem por ocasião do Ano Novo Lunar do Coelho

FRASE



Momento

SERVIÇOS RECONHECIDOS | O Centro Cultural de Macau recebeu em Janeiro a Cerimónia de Imposição de Medalhas e Títulos Honoríficos do Ano de 2022 da Região Administrativa Especial de Macau. No evento, presidido pelo Chefe do Executivo, Ho Iat Seng, foram distinguidas um total de 26 individualidades e entidades, pelos serviços prestados ao território. FOTO © GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Lista de individualidades e entidades agraciadas

MEDALHAS DE HONRA

Lótus de Ouro – Associação de Beneficência Tong Sin Tong

Lótus de Prata – Banco Nacional Ultramarino S.A.; Banco Tai Fung, S.A.; Cruz Vermelha de Macau; Lai Kin Hong

MEDALHAS DE MÉRITO

Medalha de Mérito Profissional – Sociedade de Abastecimento de Águas de Macau, S.A.; Companhia de Electricidade de Macau, S.A.; Mo Hui

Medalha de Mérito Industrial e Comercial – Companhia de Seguros da China Taiping (Macau), S.A.; Transmac - Transportes Urbanos de Macau, S.A.R.L.; Humberto Carlos Leitão Rodrigues

Medalha de Mérito Turístico – Associação dos Hoteleiros de Macau

Medalha de Mérito Educativo – Escola Hou Kong; Monica Lou Lan Heng; Lei Cheok Kin

Medalha de Mérito Cultural – Confraria da Gastronomia

Macaense; Lok Hei; Kuok Keng Man; Chan Nga Lei

Medalha de Mérito Altruístico – Paul Pun Chi Meng

Medalha de Mérito Desportivo – Clube de Natação Lok Pó

MEDALHAS DE SERVIÇOS DISTINTOS

Medalha de Dedicção – Departamento de Informação do Gabinete de Comunicação Social; Departamento de Infraestrutura

Financeira e de Tecnologia de Informação da Autoridade Monetária de Macau

Medalha de Serviços Comunitários – Associação dos Proprietários de Máquinas de Construção Civil de Macau

TÍTULOS HONORÍFICOS

Título Honorífico de Valor – Chan Pak Ian; Choi Ka Wai

Lótus de Ouro



Associação de Beneficência Tong Sin Tong (representada pelo presidente da direcção, José Chui Sai Peng)

Lótus de Prata



Banco Nacional Ultramarino S.A. (representado pelo presidente da comissão executiva, Carlos Cid Álvares)



Banco Tai Fung, S.A. (representado pelo presidente, Zhou Peng)



Cruz Vermelha de Macau (representada pelo vice-presidente do comité central, Chou Kuok Hei)



Lai Kin Hong, antigo presidente do Tribunal de Segunda Instância

PÓS-PANDEMIA

Macau reabre ao mundo, rumo à normalização

Fim das restrições à circulação e reabertura das fronteiras a turistas do exterior dá novo ímpeto à economia local. Macau poderá ser um dos destinos que mais beneficia do regresso dos turistas do Interior da China





Texto | **Tiago Azevedo**

EM Macau, o ambiente é de entusiasmo e alegria. Ruas cheias, hotéis com lotação praticamente esgotada e restaurantes a abarrotar marcaram o início do ano no território, com os comerciantes optimistas com a afluência de turistas durante as festividades do Ano Novo Lunar.

Após quase três anos de restrições ligadas à COVID-19, Macau entrou num novo ciclo e há esperança de que a normalização pós-pandemia traga novo fôlego à economia local.

A 8 de Janeiro, Macau reabriu as fronteiras a turistas de todo o mundo, colocando um fim à maior parte das restrições à circulação de pessoas, que estavam em vigor desde o início de 2020.

No início de Fevereiro deste ano, foram também aliviadas todas as medidas relacionadas com o fluxo de visitantes entre o Interior da China, Macau e Hong Kong. Após o relaxamento das medidas, o território recebeu a 6 de Fevereiro as primeiras excursões do Interior da China desde o início da pandemia.

As novas medidas de “retoma total do movimento de pessoas” entre o Interior da China, Hong Kong e Macau “irão impulsionar ainda mais a recuperação da indústria turística” da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), afirmaram as autoridades locais.

O relaxamento das políticas locais foi alinhado com a decisão do Governo Central em mudar a administração das medidas contra a COVID-19 de classe A para classe B, marcando o fim – a nível nacional – da política dinâmica de COVID-Zero.

“De acordo com os dados disponíveis, Macau e Hong Kong foram considerados os locais mais atractivos para os turistas do Interior da China”, realça Penny Wan Yim King, académica do Instituto de Formação Turística de Macau (IFTM). Macau, sublinha, é “particularmente atractivo” para turistas do Interior da China, especialmente tendo em conta os “grandes esforços” promocionais da Direcção dos Serviços de Turismo (DST) de Macau.

Henry Lei Chun Kwok, professor da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade de Macau (UM), concorda que Macau irá provavelmente ser a “cidade que mais beneficiará com a reabertura do turismo chinês”, sobretudo tendo em consideração que alguns países ainda impõem restrições aos turistas oriundos do Interior da China.

Apoio à recuperação económica

Em Fevereiro, o Chefe do Executivo referiu que, passados três anos desde a ocorrência da pandemia, a economia de Macau apresenta agora “uma tendência de recuperação acelerada”, com “múltiplos factores positivos a surgir” e o número

de visitantes que chega a Macau a crescer. “Tudo isto pode injectar uma nova dinâmica em todos os sectores e aumentar a confiança da sociedade no desenvolvimento económico”, salientou.

Ho Iat Seng disse também que o Governo da RAEM continuará “empenhado na promoção da recuperação económica e na promoção acelerada do desenvolvimento diversificado da economia”.

451 mil

Total de visitantes nos sete dias da semana dourada do Ano Novo Lunar, em Janeiro

As autoridades irão procurar “aproveitar melhor as novas oportunidades de desenvolvimento da indústria de turismo e lazer integrado, criando uma cidade diversificada que abrange os mais ricos e variados componentes”, nomeadamente nas áreas do “entretenimento, cultura e desporto, tratamento médico e cuidados de saúde, experiências tecnológicas e eventos de alta notoriedade”.

No início de Fevereiro, a DST apresentou planos de promoção e ofertas turísticas, trabalhando em conjunto com os operadores turísticos locais para explorar o mercado do Interior da China e mercados



悠氹仔

ARRAIAL NA TAIPA

澳門官也

木樨布甸

澳門
鳳城老酸奶
MACAU YOGURT

香子老蛋餅 咖喱肉絲蛋卷

CASA DE BOLOS MAN KEI

Os turistas voltaram a encher as ruas de Macau durante o período do Ano Novo Lunar



“Acredito que, em 2023, Macau será capaz de receber cerca de 40 a 50 por cento dos turistas que recebia antes da pandemia

**PENNY WAN
YIM KING**
ACADÉMICA
DO INSTITUTO
DE FORMAÇÃO
TURÍSTICA DE MACAU

internacionais, com o objectivo de acelerar a recuperação do sector e da economia de Macau.

Graças à série de políticas favoráveis para Macau e à normalização gradual da passagem fronteiriça, o número de visitantes “tem vindo a aumentar de forma estável, a recuperação da economia local e do turismo estão a registar progressos na direcção certa”, referiu o Governo da RAEM. Naquela que foi a primeira semana dourada depois do relaxamento das medidas anti-epidémicas para entrada em Macau, o número de visitantes “superou as expectativas”, de acordo com as autoridades.

Nos sete dias de feriado do Ano Novo Lunar no Interior da China, entre 21 e 27 de Janeiro, Macau recebeu um total de 451 mil visitantes, um aumento de 297,0 por cento em comparação com o período homólogo do ano de 2022. O fluxo de turistas este ano representou cerca de 38 por cento do total registado em 2019, o ano antes da pandemia.

Do total de turistas durante o Ano Novo Lunar em Janeiro, 265 mil vieram do Interior da China e 165 mil de Hong Kong. No terceiro dia da festividade, dia 24 de Janeiro, o número de visitantes ultrapassou os 90 mil, marcando um novo recorde diário desde o início da pandemia.

Durante o período festivo, a taxa média da ocupação hoteleira atingiu os 85,7 por cento, segundo dados da DST. O valor representou um aumento de 22,4 pontos percentuais em comparação com a semana

dourada do Ano Novo Lunar de 2022.

De acordo com o Governo da RAEM, os “bons resultados” atingidos durante a semana dourada deste ano “mostraram a vontade dos visitantes em escolher Macau” para experienciar as ofertas ligadas à iniciativa “turismo +” da cidade, promovida pelo Governo em parceria com os operadores turísticos locais.

Localização estratégica

“O Governo e a DST têm envidado grandes esforços para promover Macau, realizando várias actividades que procuraram mostrar a cidade de forma atractiva, como por exemplo a criação da zona pedonal na San Ma Lo, algo fresco, novo e atractivo para turistas e moradores”, diz Penny Wan à Revista Macau.

Além disso, acrescenta a académica, Macau está “estrategicamente localizada” na região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, tornando a cidade “muito acessível para cidadãos do Interior da China, especialmente para os da província de Guangdong”.

A abertura de Macau antes do período do Ano Novo Lunar foi o “momento ideal” para encorajar o regresso de turistas. “O Ano Novo Lunar demonstrou o desejo dos habitantes do Interior da China e de Hong Kong em visitar Macau, um local que a maioria deles não visitava há dois ou três anos. A cidade é um destino atractivo por ter tudo o que é necessário para satisfazer



A reabertura das fronteiras dá esperanças de um novo impulso à economia local

as diversas necessidades dos visitantes”, explica Penny Wan.

Para o professor Henry Lei, o sector do turismo de Macau “recuperou de forma salutar” durante o Ano Novo Lunar, o que é evidenciado também pelo aumento das receitas do sector do jogo durante o mês de Janeiro, cujo valor representou cerca de 46,43 por cento das receitas registadas em Janeiro de 2019. “Acredito que Macau seja capaz de atrair mais visitantes em excursões, bem como de outras províncias e

idades [do Interior da China], o que irá continuar a apoiar a forte recuperação do sector” do turismo de Macau, refere o académico em comentários à Revista Macau.

De acordo com o docente, a indústria do turismo é o sector “mais importante do território”, especialmente numa altura em que a RAEM está a atravessar um período de “transformação económica”. “A recuperação do sector do turismo contribui para a criação de novas oportunidades de emprego,

gerando receitas para a economia. A curto prazo, esta situação deverá continuar”, afirma Henry Lei.

E acrescenta: “Se o sector do turismo continuar a recuperar, não deverá ser difícil que a receita bruta do jogo em 2023 atinja os 130 mil milhões de patacas, como previsto pelo Governo”. Além disso, tendo em consideração o valor do produto interno bruto (PIB) no ano passado, “Macau poderá registar este ano uma recuperação de dois dígitos no PIB”, sendo até possível



A cidade recebeu no dia 6 de Fevereiro as primeiras excursões do Interior da China em três anos



© DIREITOS RESERVADOS

que o “PIB de 2023 seja maior do que em 2021”, diz Henry Lei.

Rejuvenescer a oferta

Investigadores da UM estimam que a economia do território cresça entre 20,5 por cento e 44,1 por cento este ano, com uma subida mais acentuada no segundo semestre. De acordo com as previsões do Centro de Estudos de Macau e do Departamento de Economia da UM, as receitas finais do Governo

da RAEM deverão atingir entre 55,4 mil milhões e 66,1 mil milhões de patacas em 2023.

Segundo Penny Wan, Macau deverá conseguir atrair um “fluxo contínuo de visitantes”, se “conseguir manter a imagem de um destino seguro e oferecer pacotes de promoção inovadores e direccionados a diferentes segmentos”. No início, a atenção deverá estar focada nos visitantes de Hong Kong e do Interior da China, seguindo-se os turistas de países asiáticos e outros mercados internacionais.

“Acredito que, em 2023, Macau será capaz de receber cerca de 40 a 50 por cento dos turistas que recebia antes da pandemia”, refere a académica do IFTM.

Nesse sentido, sugere Penny Wan, a criação de pacotes promocionais “inovadores” e direccionados a grupos-alvo específicos pode ser uma mais-valia para atrair visitantes do exterior, especialmente famílias e turistas mais jovens. “Há um número crescente de turistas nestes segmentos que visitam Macau, portanto é preciso investigar mais para determinar o que poderá ser mais atractivo para estes consumidores”, sublinha.

O retorno dos turistas a Macau poderá trazer também alguns desafios, alerta a académica, realçando a necessidade de as autoridades colaborarem com a indústria do turismo para desenvolver novas ofertas e criar mais atracções para dispersar os turistas para outras zonas da cidade. ▲



Macau poderá registrar este ano uma recuperação de dois dígitos no PIB

**HENRY LEI
CHUN KWOK**
PROFESSOR DA
FACULDADE DE
ECONOMIA E GESTÃO
DA UNIVERSIDADE
DE MACAU

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Lançar a semente

A “Quinta Feliz”, projecto sob a alçada do Instituto para os Assuntos Municipais, assume-se como um recurso didáctico concebido para que miúdos e graúdos possam aprender mais sobre agricultura e sustentabilidade, deitando mãos à terra



Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

NUM território altamente urbanizado como Macau, o espaço disponível para o cultivo de plantas e vegetais cinge-se, para muitos, às varandas e terraços dos seus apartamentos. Para oferecer à população novas oportunidades de contacto com a agricultura e a natureza, o Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) estabeleceu em Coloane a “Quinta Feliz”, assente num complexo ao ar livre onde é possível aprender mais sobre sustentabilidade e cultivar os próprios vegetais.

O espaço pretende funcionar como um “oásis urbano”, disponibilizando uma variedade de programas, desde passeios didácticos a sessões práticas sobre agricultura

sustentável e outras actividades educativas. A “Quinta Feliz” promove também a reciclagem e a reutilização de recursos orgânicos, nomeadamente a valorização de resíduos alimentares para fins agrícolas. Situa-se perto do Parque de Hác-Sá e a entrada é gratuita.

“Não existem muitos recursos como este em Macau”, nota Chan Wing Sum, da Divisão de Estudo de Protecção da Natureza do IAM e um dos responsáveis pela “Quinta Feliz”. “Os residentes locais têm poucas oportunidades de se dedicar à agricultura”, acrescenta.

23 mil

Área total, em metros quadrados, da “Quinta Feliz”



O espaço inclui viveiro de plantas, além de zonas para flores e vegetais, entre outras áreas

“Muitos talvez nunca tenham visto um terreno cultivado.”

Segundo explica o responsável, o projecto “Quinta Feliz” inclui as instalações do IAM de viveiro de plantas destinadas à arborização do território e um espaço dedicado à educação ambiental e agricultura, particularmente vocacionado para acções de sensibilização focadas nos mais novos. “Realizamos workshops na área da protecção ambiental, disponibilizamos pequenos lotes para o público experimentar cultivar os seus próprios produtos agrícolas e organizamos visitas guiadas para associações ou escolas, para os participantes aprenderem mais sobre ecologia”, enumera Chan Wing Sum.

O representante do IAM nota que um dos objectivos da “Quinta Feliz” é permitir que os jovens valorizem a importância da agricultura para um desenvolvimento sustentável. O projecto dá-lhes a chance de “apanharem uma enxada e participarem” na prática agrícola, “além de se divertirem”, atira.

Quem quer ser agricultor?

O projecto “Quinta Feliz” foi originalmente lançado em 2016, então com uma área total de 5972 metros quadrados. Em 2020, a “Quinta Feliz” foi alvo de um plano de expansão, cobrindo actualmente quase 23 mil metros quadrados. O espaço passou a dispor de 140 mini-lotes agrícolas disponíveis para uso da população.



Os participantes no programa “Experiência de Cultivo” podem levar para casa todos os vegetais que cultivem

A “Quinta Feliz” recebe inscrições online para utilização dos lotes, nomeadamente através do programa “Experiência de Cultivo”, que usualmente ocorre duas vezes por ano. As inscrições estão abertas para indivíduos e associações, sendo elevada a procura: é normalmente necessário recorrer a um sorteio para escolher os participantes. Uma vez seleccionados, os candidatos a agricultor têm direito a manter o lote por um período de cerca de quatro meses, podendo levar para casa todos os vegetais e outros produtos agrícolas que cultivem.

“Quando termina o programa, os participantes começam logo a perguntar sobre o período de

inscrição para a edição seguinte”, revela Chan Wing Sum.

A “Quinta Feliz” oferece outras atracções. Existe uma zona de ervas aromáticas e uma zona de cultivo de árvores de fruto. Há ainda zonas para vegetais e flores, plantados em função das diferentes estações do ano, bem como uma zona de conservação aquática, com plantas diversas. A par disso, está disponível um “hotel de insectos”: trata-se de um conjunto de abrigos compostos por uma variedade de materiais naturais, de madeira a cascas de árvores, feno e argila, oferecendo condições ideais para

140

Mini-lotes disponibilizados para o público experimentar cultivar os seus próprios produtos agrícolas



O espaço fica localizado em Coloane, junto do Parque de Hác-Sá

que diversos insectos aí se instalem e prosperem.

Experiência em família

Fang Bo Tang é uma das pessoas que já participou no programa “Experiência de Cultivo” da “Quinta Feliz”. A mãe de dois mostra-se feliz pela oportunidade e elogia a iniciativa, defendendo que seja ainda mais promovida junto da comunidade. “É muito difícil encontrar qualquer outro lugar similar em Macau”, diz. “Sabia da existência desta actividade porque tenho uma amiga que já tinha participado antes.”

A família de Lin Chi Hin, de apenas seis anos, está a participar no projecto pela terceira vez. O rapaz mostra-se feliz pela possibilidade de poder colocar as mãos na terra e plantar os seus próprios vegetais; já o pai, Lin Yi Chi, diz que esta é uma boa actividade familiar, ajudando o filho a valorizar o esforço necessário para produzir cada alimento consumido no dia-a-dia. “Felizmente, temos a oportunidade de gozar aqui a natureza através da agricultura”, afirma. “Nos fins-de-semana, a ‘Quinta Feliz’ é um bom espaço para as famílias aprofundarem laços”, acrescenta Chan Hou Cheong,

avô do pequeno Lin Chi Hin, e o mais experiente da família no que toca a actividades agrícolas.

Para a família de Ng I San, tomar parte no programa “Experiência de Cultivo” da “Quinta Feliz” já teve um benefício: a petiz de quatro anos não gostava de comer vegetais, mas, após a experiência, já limpa o prato. “Depois de começarmos a plantar aqui os alimentos por nós próprios – e porque fazemos tudo sozinhos, incluído a sementeira, rega e aplicação de adubos –, ela passou a gostar de comer os nossos vegetais”, afirma o pai, orgulhoso. ◀

VER VÍDEO AQUI



COMÉRCIO ELECTRÓNICO

Turismo e lazer à distância de um clique

Actividades para famílias, oportunidades gourmet, pacotes para “staycations”, workshops de artesanato e muito mais: a plataforma digital Go Out Mall, lançada por empreendedores de Macau, pretende tornar um sem número de ofertas turísticas, de lazer e entretenimento facilmente acessíveis a todos – sejam visitantes ou locais



Texto | Vitória Man Sok Wa

O PROJECTO Go Out Mall, fundado por seis jovens de Macau em Outubro de 2021, é uma plataforma inovadora de comercialização electrónica, que combina turismo e lazer com tecnologia, e opera nos mercados de Macau, Hong Kong e Interior da China. De acordo com os seus responsáveis, o portal – acessível em <https://gooutmall.com> e disponível em chinês – tem como missão estimular o desenvolvimento tecnológico do ecossistema local relativo ao comércio de produtos turísticos e de lazer, bem como promover o território como uma cidade de turismo inteligente.

Ao contrário de uma agência de viagens tradicional, o Go Out Mall não vende produtos como passagens aéreas ou noites em quartos de hotel. Concentra-se em identificar e comercializar experiências – muitas das quais especiais e exclusivas – em cada um dos mercados em que está presente. Tal vai desde workshops a ingressos para eventos, passando por ofertas de restauração e bilhetes para concertos e eventos desportivos.

De acordo com um dos elementos co-fundadores, Salie Lei, porque se trata de uma plataforma online – logo, acessível a clientes em todo o mundo – e visto que os produtos turísticos e de lazer disponíveis em Macau são limitados, o Go Out Mall também abarca experiências no resto da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Após um ano de operações, e embora esteja ainda em fase inicial de lançamento, a plataforma possui já cerca de 20 mil utilizadores, tendo comercializado mais de 180 mil ingressos e bilhetes.

“Surfar” a onda tecnológica

As origens do Go Out Mall remontam a um outro projecto de Salie Lei, a publicação digital “The Trip Addict”. A empreendedora, que lançou a sua primeira revista impressa em 2015, decidiu, quatro anos depois, e de forma a acompanhar a evolução dos meios de comunicação social, criar o “The Trip Addict”,

oferecendo sugestões e dicas nos campos do turismo, restauração e entretenimento. Nos últimos três anos, a publicação digital cresceu em popularidade em Macau, com a respectiva equipa a acumular experiência ao nível do marketing digital e gestão de redes sociais, assim como um grupo fiel de leitores, adeptos de viagens e lazer.

O Go Out Mall surgiu em 2021, enquanto entidade subsidiária do “The Trip Addict” e tentando aproveitar a onda tecnológica na China, materializada por projectos de sucesso como a rede social TikTok, o portal de serviços de viagem Ctrip ou várias plataformas de comércio electrónico com transmissões de vídeo ao vivo – o chamado “live commerce”. O objectivo do Go Out Mall, desde o início, foi seguir nessa senda.

180 mil

Número total de ingressos e bilhetes transaccionados pela plataforma Go Out Mall no primeiro ano de actividade

“Apercebemo-nos que, no Interior da China e noutros países, têm vindo a ser utilizados métodos e plataformas avançados para promover e vender produtos turísticos. Entretanto, em Macau não existia uma plataforma que integrasse marketing e vendas, pelo que achámos necessário criar um sistema abrangente, que facilitasse aos residentes de Macau e do Interior da China a obtenção de informações de viagem e a aquisição de bilhetes”, conta Salie Lei à Revista Macau.

O projecto Go Out Mall resulta de uma colaboração entre duas empresas com diferentes focos. O grupo



© DIREITOS RESERVADOS

O Go Out Mall quer apoiar o desenvolvimento do turismo inteligente em Macau, diz Salie Lei, co-fundadora do projecto

liderado por Salie Lei é responsável pela vertente comercial, enquanto a empresa Blurple Design Ltd tem a seu cargo a gestão técnica da plataforma.

Salie Lei explica que, como não possui experiência em gestão de tecnologias de informação, preferiu convidar uma empresa deste campo para uma colaboração, ao invés de recrutar uma equipa própria de informáticos. “Assim, posso concentrar-me nas minhas funções na área comercial, em conjunto com a minha equipa, e a Blurple pode usar a sua experiência para gerir a parte informática. Acredito que é uma maneira mais eficaz e uma melhor alocação de recursos”, diz.

Becky Lei, co-fundadora da Blurple, considera o Go Out Mall um “projecto interessante e com potencial”. E acrescenta: “Nos últimos dez anos, a Blurple

desenvolveu bastantes plataformas online, já temos alguma experiência neste segmento, bem como em trabalhar com talentos de diversas áreas. Detectámos uma falta de plataformas de comércio electrónico no mercado de Macau e, por isso, decidimos participar neste projecto”.

A responsável nota que uma plataforma de venda de produtos turísticos e de lazer “é mais complexa” do ponto de vista tecnológico do que um portal de comércio electrónico tradicional, pois envolve “inúmeras combinações de datas e produtos diferentes”. No caso do Go Out Mall, isso também inclui “poder-se oferecer preços diferentes para datas diferentes para cada tipo de produto”, explica Becky Lei, dizendo que a função de emissão de bilhetes com códigos QR é outra mais-valia da plataforma.

As duas empresárias concordam que esta tem sido uma caminhada de aprendizagem e crescimento em conjunto. Salie Lei aponta em particular para a importância de oferecer à equipa formação na área do comércio electrónico. Já Becky Lei reconhece que “um conflito comum na gestão deste tipo de projecto é as expectativas do departamento comercial não estarem de acordo com as reais possibilidades da tecnologia”. “É necessário encontrar uma solução que seja aceitável e viável para ambas as partes”, explica.

A MR. J Sports & Entertainment Events Planning Company Ltd, empresa local que organiza competições e workshops desportivos, é um dos parceiros comerciais do Go Out Mall. “É importante para a minha empresa ter uma plataforma que possa organizar o marketing, registo de participantes, venda de bilhetes e pagamentos digitais, de maneira eficaz e económica”, afirma um dos co-fundadores, Jairo Calangi, em declarações à Revista Macau. O responsável indica que, como a MR. J Sports & Entertainment está envolvida em eventos de grande dimensão, alguns dos quais em parceria com o Instituto do Desporto, necessitava de uma plataforma eficaz e formal, que oferecesse um serviço automatizado e sem envolvimento excessivo de recursos humanos próprios.

“Antes de usar o Go Out Mall, utilizávamos alguns websites e aplicações móveis de outros países”, refere Jairo Calangi. “Em Macau, o Formulários Google (Google Forms) é um método relativamente popular, mas antiquado, ou seja, o participante tem de preencher o formulário, depositar o pagamento numa conta bancária e, no fim, enviar de volta o formulário preenchido, com o comprovativo bancário.”

Salie Lei explica que a função primordial do Go Out Mall é facilitar o trabalho dos parceiros comerciais, com vista a disponibilizarem os seus produtos para venda através da plataforma. O Go Out Mall proporciona uma gestão integrada do processo de marketing, venda, pagamento e até atendimento ao cliente. Através da plataforma, e após registarem uma conta, os parceiros comerciais podem criar páginas de comercialização dos seus produtos, e disponibilizar

os respectivos links de forma directa junto dos seus clientes de retalho.

“Actualmente, além do nosso próprio website, promovemos os nossos produtos através de agências de viagens, plataformas internacionais de venda de produtos turísticos, bem como através de influenciadores digitais”, explica Salie Lei. Além disso, o Go Out Mall conta com o apoio da plataforma “The Trip Addict”, nomeadamente ao nível da sua experiência nas áreas do marketing digital e gestão de redes sociais, bem como acesso a uma ampla rede de leitores.

Desafios e metas

Com a crescente disponibilidade em Macau de diversos serviços de comércio electrónico – desde a venda de refeições até ao acesso a serviços bancários e da administração pública –, os locais estão a aderir cada vez mais a este modelo de consumo. Salie Lei e Becky Lei esperam que, no futuro, se torne ainda mais comum para quem vive em Macau usar o Go Out Mall para pesquisar produtos de lazer e entretenimento e comparar preços de bilhetes, em vez de gastar tempo e recursos na pesquisa dessa mesma informação através de canais separados.

Kevin Wong, residente de Macau e utilizador da plataforma, diz à Revista Macau que, na sua opinião, essa é uma das vantagens do Go Out Mall: agregar informações relativas a diferentes eventos e actividades no mesmo espaço online. “Antes de usar o Go Out Mall, pesquisar experiências turísticas não era tão conveniente, tinha de ir ao próprio estabelecimento ou perguntar a amigos, havia poucas plataformas que concentrassem toda essa informação”, afirma.

Salie Lei nota que um dos desafios para o estabelecimento em Macau de uma nova indústria como o comércio electrónico prende-se com a disponibilidade de recursos humanos especializados. “Em particular, os profissionais da área comercial precisam de possuir um conhecimento multifacetado”, refere.

O financiamento é outro desafio. “Como o Go Out Mall cobre uma ampla gama de negócios, o desenvolvimento



Becky Lei, co-fundadora da Blurple Design Ltd, empresa parceira no Go Out Mall, responsável pela desenvolvimento técnico e manutenção da plataforma

tecnológico requer muitos recursos e, por isso, o capital necessário é bastante elevado. Actualmente, todo o projecto é auto-financiado pelos nossos accionistas e sem investidores externos; portanto, estamos-nos a desenvolver passo a passo”, diz a responsável.

Apesar disso, a plataforma está já presente no Interior da China, incluindo em associação com empresas locais. “Estamos a colaborar com distribuidores chineses, como agências de viagens e plataformas de viagens como a KKday e a Ctrip. Dessa forma, os produtos dos nossos parceiros comerciais podem chegar aos consumidores de Hong Kong, Taiwan e Interior da China”, explica Salie Lei. Porém, a longo prazo, o objectivo é que todo o processo seja feito exclusivamente através do Go Out Mall, nota.

A julgar pelo primeiro ano de operações, “Hong Kong, Zhuhai, Foshan, Guangzhou e Shenzhen, cidades para onde as pessoas de Macau podem viajar facilmente, são destinos muito populares, e são todos os nossos principais mercados”, acrescenta a empresária. “As outras áreas geográficas que pretendemos desenvolver no futuro incluem Pequim, Xangai, Xiamen e Sanya.”

Salie Lei e a equipa estão confiantes que a recuperação da economia de Macau e do resto da China, no seguimento da normalização após a pandemia da COVID-19, ajudará na angariação de financiamento adicional para o projecto. “Acredito que o Go Out Mall tem qualidade para apoiar o desenvolvimento de Macau como uma cidade inteligente, fornecendo ao território uma plataforma online conveniente e avançada”, remata Becky Lei. ◀



Leia esta e outras edições
no website da **Revista Macau**



www.revistamacau.com.mo

App da Revista Macau disponível em:





TRADIÇÃO

Casa de Chá Long Wa, porta aberta para o Macau antigo

São mais de seis décadas a promover a arte de apreciar chá e “dim sum” à boa maneira cantonesa: na Casa de Chá Long Wa, a tradição ainda é o que era, numa mistura de nostalgia com sabores autênticos



A Casa de Chá Long Wa fica situada num edifício de arquitectura de estilo “art deco”, junto do Mercado Vermelho

Texto | Cherry Chan

Fotografia | Cheong Kam Ka

Os bons costumes ditam que uma casa de chá tradicional ao estilo cantonês deve assentar num trio de princípios: chá de qualidade, antes de mais; uma oferta diversa de “dim sum”; e, por fim, variedade ao nível dos pratos refoçados, desde vegetais a massas. Na Casa de Chá Long Wa, é possível encontrar todos estes ingredientes, a que acresce o tempero especial de uma atmosfera plena de nostalgia, construída ao longo de seis décadas marcadas por muita história e estórias, o que contribui para a singularidade do lugar.

A escadaria interior que dá acesso ao local serve como um portal de viagem no tempo: deixa-se para trás a movimentada zona do Mercado Vermelho e dá-se entrada numa casa de chá de estilo cantonês onde pouco parece ter mudado desde 1962, altura em que o estabelecimento Long Wa foi fundado. A decoração e o mobiliário do espaço mantêm-se fiéis aos originais, sejam as janelas de estrutura em ferro pintada de cor verde-garrafa, abertas de par em par, sejam as ventoinhas de tecto ou as mesas. A atmosfera “vintage” atrai muitos turistas e curiosos à casa de chá, que já serviu de cenário para produções cinematográficas.

Parte do charme do local advém das gaiolas – agora sem pássaros – penduradas nas janelas. Outrora, o estabelecimento era ponto de encontro de ornitólogos amadores, que ali se reuniam com as suas aves. Outro



“Existem muitos restaurantes com decorações modernas, mas se há ainda pessoas interessadas neste estilo tradicional, então devemos preservá-lo

HO MENG TAK
PROPRIETÁRIO DA CASA DE CHÁ LONG WA

motivo de interesse são os muitos “bonsai” que decoram a varanda em redor do restaurante.

Uma casa cantonesa, com certeza

Ho Meng Tak é o actual proprietário da Casa de Chá Long Wa, negócio de família que vai já na segunda geração. O responsável conta que o estabelecimento, quando foi criado, era o único do género na área do Mercado Vermelho.

Nas suas palavras, deve haver um esforço para proteger em Macau a cultura das casas de chá tradicionais ao estilo cantonês. “Existem muitos restaurantes com decorações modernas, mas se há ainda pessoas interessadas neste estilo tradicional, então devemos preservá-lo”, defende.

O proprietário está sempre disponível para dois dedos de conversa com os clientes sobre os diferentes tipos de chá que o estabelecimento oferece. Os interessados podem também deslocar-se a uma mesa junto à entrada, onde repousam diversas embalagens de chá, e fazer directamente a sua escolha. Já a comida, essa, continua a ser confeccionada segundo métodos e receitas tradicionais.



A atmosfera “vintage” atrai muitos turistas e curiosos à casa de chá



A comida continua a ser confeccionada segundo métodos tradicionais

Situada num prédio de três andares, a Casa de chá Long Wa abriu inicialmente para servir quem vivia e trabalhava na zona circundante. Nos seus tempos áureos, chegou a ter várias dezenas de empregados.

Actualmente, a zona de refeições do espaço cinge-se ao primeiro andar. O estabelecimento atrai agora um leque diferente de clientes, muitos deles jovens ávidos de aproveitar a oportunidade de mergulhar no passado oferecida pelo local. A Casa de chá Long Wa faz parte dos roteiros turísticos sobre o território e é um chamariz para turistas, que visitam o lugar para tirar fotografias por entre as várias obras de caligrafia e pinturas antigas que forram as paredes do estabelecimento. Não são só anónimos que ali vão: várias estrelas de Hong Kong, por exemplo, também já marcaram presença no restaurante, como atestam diversas fotografias com o proprietário, em exposição.

Em 2007, a Casa de chá Long Wa foi alvo de obras de restauração apoiadas pelo Instituto Cultural de Macau, seguindo à risca a traça e características iniciais do

estabelecimento. O projecto teve por objectivo reforçar a estrutura do edifício, um dos exemplares de arquitectura de estilo “art deco” em Macau. Na altura, foram também introduzidas melhorias ao nível do interior, incluindo a reparação do sistema de saneamento de águas residuais e a substituição de algumas mesas e cadeiras danificadas.

A casa de chá abre portas cedo – por volta das sete horas da manhã – e encerra após a hora de almoço. Em ocasiões especiais, o estabelecimento volta a receber público fora deste horário, mas para servir doses de cultura. Pela sua ambiência, o local já foi escolhido por várias vezes como palco para espectáculos e palestras, incluindo a propósito do Festival de Artes de Macau.

Apesar da importância arquitectónica e cultural da Casa de chá Long Wa, aquilo que leva Ho Meng Tak a abrir as portas do espaço dia após dia é algo bastante mais simples: a sua paixão pelo chá. “Esta é uma casa de chá de estilo cantonês, é para apresentar diferentes tipos de chá aos clientes”, sublinha. ▲

GRANDE BAÍA

Hengqin abre-se

O Chimelong Ocean Kingdom, o Sumlodol Camping Park ou o complexo Novotown são apenas algumas das atracções turísticas lançadas nos últimos anos em Hengqin. A ilha vizinha posiciona-se cada vez mais como um destino na área do entretenimento e lazer, em complementaridade com aquilo que Macau tem para oferecer

Texto | Viviana Chan*

O SOL de Inverno aquece os muitos turistas que buscam o melhor cenário para mais uma “selfie” de fazer inveja aos amigos. Várias famílias entretêm-se com as performances de dança do dragão e do leão, para dar as boas-vindas ao Festival da Primavera. À noite, haverá mais um espectáculo de fogo-de-artifício. Não, não é Macau: trata-se de Hengqin, ilha a poucas dezenas de metros do território, mas já parte do município de Zhuhai, na província vizinha de Guangdong.

Parques temáticos com animais, zonas de campismo, experiências educacionais imersivas, centros de realidade virtual e muito mais: a oferta turística é diversa e abundante em Hengqin. A ilha não está apenas a posicionar-se

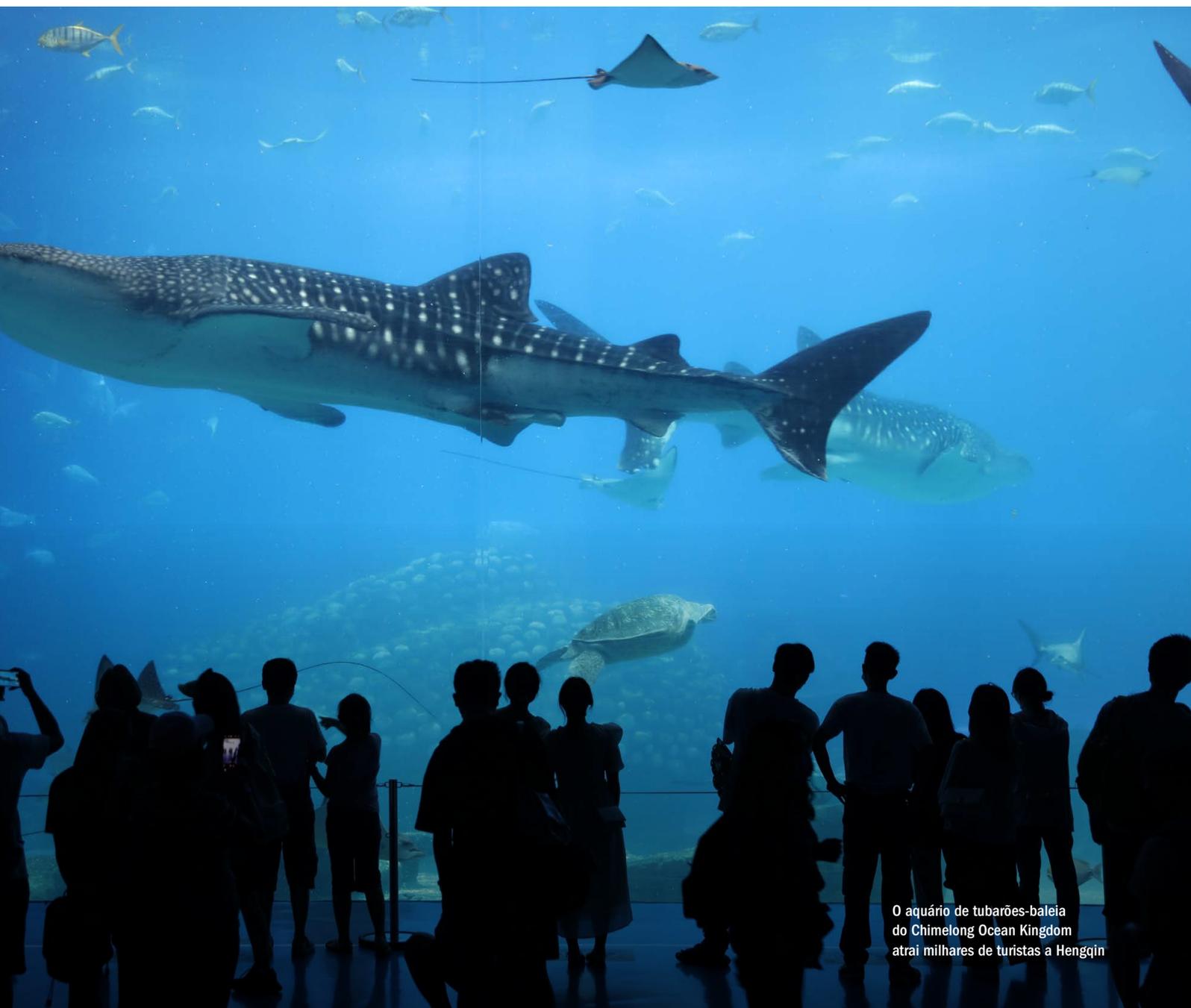
como uma importante plataforma de desenvolvimento empresarial e industrial, mas também como um destino turístico de relevo, tendo como objectivo funcionar em complementaridade com Macau nesta área. O fim das restrições relacionadas com a COVID-19, em Janeiro, e a retoma do turismo doméstico e internacional prometem acelerar o processo.

Um desígnio nacional

Foi em 2009 que o Conselho de Estado da República Popular da China aprovou o “Plano de Desenvolvimento Geral de Hengqin”, que visava posicionar a ilha como uma área de demonstração de um novo modelo de cooperação entre Guangdong, Hong Kong e Macau. Em 2019, com a publicação das “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”,



ao turismo



O aquário de tubarões-baleia do Chimelong Ocean Kingdom atrai milhares de turistas a Hengqin

pelo Comité Central do Partido Comunista Chinês e pelo Conselho de Estado, Hengqin ganhou um novo estatuto. Parte da sua missão passou então a ser desenvolver-se enquanto “ilha internacional de lazer e turismo”, apoiando o posicionamento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) enquanto centro mundial de turismo e lazer.

Seguiu-se, em Setembro de 2021, a promulgação pelo Governo Central do “Projecto Geral de Construção da Zona de Cooperação Aprofundada entre Guangdong e Macau em Hengqin” – a zona reflecte uma iniciativa sem precedentes, rumo a uma maior integração regional, e ocupa a área total da ilha. No documento, detalhou-se o objectivo de envidar “grandes esforços no desenvolvimento, na Zona de Cooperação, de indústrias de turismo, nomeadamente de férias e lazer, convenções e exposições, passeios turísticos” e ligadas a eventos desportivos.

O crescimento registado ao nível da indústria turística em Hengqin é impossível de ignorar. Por exemplo, o Chimelong Ocean Kingdom – a cargo do Chimelong Group Co., Ltd., um dos principais conglomerados do sector na China – é classificado como um dos parques temáticos mais visitados do mundo. De âmbito diferente, o Sumlodol Camping Park, projecto turístico original de Hengqin, tem vindo a ganhar popularidade na área do turismo de natureza no seio da Grande Baía.

© NG YUK LIN



O Sumlodol Camping Park disponibiliza “bungalows” e outros tipos de alojamento, proporcionando diferentes experiências aos seus visitantes

De acordo com estatísticas dos Serviços de Desenvolvimento Económico de Hengqin, as atracções turísticas da ilha receberam um total de 288.300 visitantes durante o período da semana dourada de Outubro passado, um aumento de 8,4 por cento em relação ao mesmo período de 2021. Em Janeiro deste ano, um espectáculo de fogo-de-artifício de celebração do Festival da Primavera atraiu mais de 30 mil pessoas, com mais de meio milhão a assistir através de uma emissão online.

Atracções de nível mundial

O parque temático Chimelong Ocean Kingdom abriu portas em

Março de 2014 e faz parte do Chimelong International Ocean Resort, complexo que inclui também vários hotéis. Em 2019, antes do surgimento da COVID-19, o parque – que tem o mundo marinho como tema – recebeu um total de 11,7 milhões de visitantes. Mesmo em 2020, apesar do impacto da pandemia ao nível do turismo, a infra-estrutura conseguiu atrair cerca de 4,8 milhões de visitantes – mais do que atracções similares de renome internacional, como o parque Disneyland, em Xangai, ou o afamado Universal Orlando Resort, na Florida, nos Estados Unidos.

Os planos para o Chimelong International Ocean Resort incluem



A indústria turística em Hengqin está particularmente vocacionada para o turismo em família

uma segunda fase, actualmente em desenvolvimento e que envolve um investimento total de 50 mil milhões de renminbi, prevendo-se que, quando concluída, ajude a elevar o número anual de visitantes do complexo para mais de 30 milhões. Vão ser construídos um parque temático ligado às ciências do mar e aquele que é apresentado como o maior aquário do mundo, destinado a orcas. Está ainda previsto um parque com animais marinhos, que terá actividades ao estilo de safari – em modo diurno e também nocturno. Além disso, e também integrando o Chimelong International Ocean Resort, está em construção outra atracção que

pretende ser icónica no seio da Grande Baía: um sistema de teleférico que oferecerá vistas únicas sobre os resorts integrados do Cotai, em Macau.

O Sumlodol Camping Park é uma atracção turística diferente, mas que reflecte o dinamismo empresarial que se pretende para Hengqin. O parque de campismo foi inaugurado em Janeiro de 2018, sendo um dos pioneiros na China de uma nova onda de campismo, o “glamping” – foi inclusive premiado pelas autoridades chinesas na área do turismo.

Han Xiao, presidente da empresa estatal Da Heng Qin Pan-Tourism Development Co.,Ltd.,

responsável pela gestão do Sumlodol Camping Park, revela que o mercado de Macau é prioritário para o projecto, representando cerca de 30 por cento da clientela do parque. “Para lá disso, 50 por cento dos visitantes são de Zhuhai; os restantes vêm de outras cidades da Grande Baía, tais como Guangzhou, Shenzhen, Zhongshan e Jiangmen”, afirma Han Xiao, em declarações à Revista Macau.

O parque de campismo aposta em visitantes que pretendem fazer uma “mini-escapadinha”, aproveitando as paisagens naturais. A infra-estrutura inclui várias instalações destinadas a famílias: por exemplo, uma área com diversos

equipamentos de diversões, mas não-motorizados.

Apesar do nome, o Sumlodol Camping Park não oferece apenas oportunidades de acampar. O empreendimento inclui “bungalows”, contentores convertidos em cabines, autocaravanas e outros tipos de unidades de alojamento, proporcionando experiências diferentes, desde uma estadia junto ao lago até à observação de estrelas. Existe ainda parque de estacionamento para autocaravanas privadas. Para turistas menos “aventureiros”, estão disponíveis dois hotéis convencionais.

Han Xiao nota que o Sumlodol é uma marca original de Hengqin

que já chamou a atenção do mercado chinês. “A marca já se conseguiu expandir para fora de Hengqin: o primeiro Sumlodol fora de Guangdong fica em Ganzhou, na província de Jiangxi, e o local tornou-se rapidamente popular entre os residentes.” A executiva considera que a marca “made in Hengqin” tem potencial para se afirmar a nível nacional, e olha já para eventuais expansões para Guangzhou e Huizhou, na província de Guangdong, bem como para Pengzhou, em Sichuan, e Liuzhou, em Guangxi.

O Sumlodol Camping Park também tem ligação à RAEM: acolhe uma base de formação do Instituto de Formação Turística de Macau

(IFTM), especializada em educação vocacional, no âmbito do papel de Macau enquanto base de ensino e formação em turismo na Grande Baía. Nesse espaço, foram já realizados vários cursos tendo por base o Sistema de Reconhecimento de Competências Técnicas de Macau (MORS), desenvolvido pelo IFTM.

Venha a Macau, vá a Hengqin

Um dos objectivos no campo do turismo incluídos nas “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía” é a criação de produtos turísticos que promovam o conceito “uma viagem



Existem vários parques temáticos e de diversões espalhados pela ilha

de múltiplos destinos”. Pretende-se que, quando visitem a Grande Baía, os turistas não se fiquem apenas por uma localidade, mas aproveitem para visitar outras zonas da região. É com esse objectivo em mente que os decisores políticos têm vindo a enfatizar a necessidade de complementaridade entre as indústrias turísticas de Macau e Hengqin.

Há passos nessa direcção. No seguimento da retoma pós-pandemia das excursões turísticas do Interior da China para Macau, efectuada no mês passado, as autoridades locais têm vindo a promover produtos turísticos multi-destinos Macau-Hengqin, política conhecida na gíria local como a criação de uma zona de turismo e lazer “um rio, duas margens”. A esse respeito, a Direcção dos Serviços de Turismo de Macau diz estar empenhada em estimular “o desenvolvimento integrado da indústria turística de Hengqin e Macau e a cooperação intersectorial”, aproveitando a retoma das excursões do Interior da China para Macau “para promover o turismo de permuta de fontes de visitantes entre Hengqin e Macau e o desenvolvimento de produtos turísticos de itinerários conjuntos”.

O académico José Wong Weng Chou, docente da Faculdade de Hospitalidade e Gestão Turística da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla em inglês), diz à Revista Macau que “Hengqin e Macau podem ser um exemplo” no que toca ao



Seria muito positivo prolongar a permanência dos turistas através de produtos de turismo multi-destinos; ou seja, Macau e Hengqin podem cooperar nesse aspecto

JOSÉ WONG WENG CHOU
DOCENTE DA FACULDADE DE HOSPITALIDADE E GESTÃO TURÍSTICA DA MUST

desenvolvimento de produtos multi-destinos. José Wong nota que “Hengqin é espaçosa”: parques temáticos de grandes dimensões, por exemplo, “não cabem em Macau, mas sim em Hengqin”. E acrescenta: “O Sumlodol Camping Park ou

o Chimelong Ocean Kingdom são produtos de entretenimento destinados a famílias, algo que escasseia em Macau”.

Hengqin tem também outro atractivo: a natureza. De acordo com dados oficiais, a ilha possui uma área verde total de 62,45 quilómetros quadrados, o equivalente ao dobro do tamanho total da RAEM. A taxa de zonas verdes em Hengqin atinge 58,7 por cento, o que significa que existe um elevado potencial para actividades de natureza e ao ar livre. De resto, existem já vários projectos turísticos que visam tirar partido desta característica, como o Mangzhou Wetland Park, de promoção de zonas húmidas, ou o Hengqin Flower Corridor, que apresenta diferentes tipos de árvores que produzem flores.

Segundo o académico José Wong, os visitantes que visitam Macau passam pouco tempo na cidade. Antes da pandemia, o tempo médio de permanência situava-se em 1,2 dias. Nesse sentido, “seria muito positivo prolongar a permanência dos turistas através de produtos de turismo multi-destinos; ou seja, Macau e Hengqin podem cooperar nesse aspecto, com ambos os lados a saírem beneficiados”, indica o académico.

O director da Escola de Gestão de Turismo do IFTM, Max Zhao Weibing, concorda que Macau possui recursos turísticos singulares ligados à sua cultura, história e arquitectura, mas tem falta de recursos naturais. “Creio que

os turistas podem sentir falta de pontos turísticos naturais: nesse sentido, Hengqin pode ter um papel complementar”, afirma.

O académico defende também a agilização da emissão de salvo-condutos para deslocação a Hong Kong e Macau – vulgarmente conhecidas como “vistos” –, para que seja mais conveniente aos residentes do Interior da China se deslocarem entre a RAEM e Hengqin. Nas suas palavras, deve ser estudada a hipótese de criar vistos turísticos de entradas múltiplas entre Hengqin e Macau, de forma a estimular na prática o conceito de turismo multi-destinos. De resto, as próprias “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía” referem a necessidade de “coordenar um estudo sobre medidas de facilitação” para visitantes que se deslocam entre Hengqin e Macau.

“Actualmente, os visitantes do Interior da China precisam de pedir um visto com antecedência, e esse visto só permite uma entrada em Macau, o que limita a flexibilidade em termos de plano de viagem das pessoas”, explica Max Zhao. “Assim, naturalmente, muitos visitantes desistem de visitar mais locais.”

Parceiros, não concorrentes

A complementaridade ao nível turístico entre Macau e Hengqin toca diversas dimensões e é também visível ao nível do investimento.

Os capitais de Macau têm tido um papel importante no desenvolvimento do sector em Hengqin, uma vez que muitas empresas da RAEM estão já presentes naquele mercado e outras têm investimentos para aí previstos. É o caso da operadora de resorts integrados Galaxy Entertainment Group Ltd., que pretende desenvolver um resort de baixa densidade num lote de 2,7 quilómetros quadrados em Hengqin, visando funcionar em



Hengqin e Macau possuem vantagens diferentes, podendo aproveitar isso para crescer em conjunto

MAX ZHAO WEIBING
DIRECTOR DA ESCOLA
DE GESTÃO DE TURISMO
DO IFTM

complementaridade com a oferta do grupo em Macau.

De resto, toda a rede regional de transportes e infra-estruturas de apoio está a ser planeada para apoiar uma crescente integração entre Macau e Hengqin, inclusive a nível turístico. Inaugurado em Agosto de 2020, o Posto Fronteiriço de Hengqin contém a segunda maior estação subterrânea de comboios da China. Entretanto, Macau está a avançar com a extensão da linha da Taipa do Metro Ligeiro até ao Posto Fronteiriço de Hengqin. Dessa forma, ambos os destinos ficarão ligados à rede ferroviária de alta velocidade da China. Por outro lado, está planeado que o sistema de comboio rápido de Zhuhai, o equivalente ao Metro Ligeiro de Macau, ligue a zona do Chimelong International Ocean Resort ao aeroporto de Zhuhai. Em conjunto, estas várias empreitadas abrem uma “via rápida” entre o Cotai, em Macau, e o aeroporto de Zhuhai, com o tempo de viagem reduzido para apenas dez a 20 minutos. O próprio aeroporto da cidade vizinha está a ser alvo de um projecto de renovação e expansão, avaliado em cerca de 14,5 mil milhões de renminbi: quanto estiver concluído, a infra-estrutura terá capacidade para receber até 198 mil voos e 27,5 milhões de passageiros por ano.

José Wong sublinha ainda, a propósito da indústria das convenções e exposições, que as melhorias ao nível dos transportes entre Hengqin e Macau podem estimular o



© GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

A proximidade geográfica entre Macau e Hengqin favorece a cooperação e complementaridade turística, dizem especialistas

crescimento da cooperação neste sector. “Para exposições de grande dimensão, as instalações de Macau não são suficientes. Isto limita o seu desenvolvimento”, refere o académico da MUST. “Por outro lado, Macau tem vantagens na organização de conferências, isto porque um único resort no Cotai pode oferecer milhares de quartos e, assim, acomodar todos os convidados de uma grande conferência internacional. É raro encontrar uma cidade na Grande Baía com estas condições.” José Wong concretiza: “Nesse

contexto, o modo de cooperação pode ser Macau organizar mais conferências e Hengqin participar através da organização de exposições de grande dimensão. Isso pode atrair mais participantes em geral”.

Max Zhao diz estar optimista quanto à parceria entre Macau e Hengqin no que toca à indústria de turismo. “Cada um possui vantagens diferentes, podendo aproveitar isso para crescer em conjunto”, sintetiza.

Ainda assim, o académico do IFTM reconhece que existe algum

conservadorismo ao nível do tecido empresarial de Macau, com receios de que o mercado de Hengqin possa afirmar-se como um concorrente da RAEM, nomeadamente ao nível da hotelaria, retalho e indústria das convenções e exposições. Max Zhao recusa a ideia, apontando antes para os benefícios mútuos que podem advir da circulação de capitais e recursos humanos entre os dois lados. “A partir desse ponto de vista, é uma situação ‘win-win’.” ▲

*com Emanuel Graça



ENTREVISTA

Embaixador Zhao Bentang: Grande Baía na mira de empresas portuguesas

A vontade de aprofundar as relações entre a China e Portugal continua a crescer, apesar dos obstáculos que ainda persistem, alguns derivados da pandemia da COVID-19. Em entrevista à Revista Macau, o Embaixador da República Popular da China em Portugal, **Zhao Bentang**, defende uma maior promoção das indústrias e produtos portugueses de qualidade junto do vasto mercado da China. Por outro lado, salienta o diplomata, é também preciso dar a conhecer a realidade do mercado português aos investidores chineses

Texto | Luciana Leitão

Que balanço faz destes primeiros dois anos enquanto Embaixador da República Popular da China em Portugal?

Em primeiro lugar, Portugal é um país muito inclusivo e o seu povo também é muito amistoso e aberto. Há cerca de 30.000 pessoas na comunidade chinesa residentes aqui e cerca de 30 empresas chinesas a operar em Portugal, e também temos estudantes chineses que prosseguem os seus estudos no país.

É natural que Portugal seja considerado um dos lugares mais agradáveis para viver no mundo, porque tem um ótimo clima, paisagem e população. Esperamos e acreditamos que, com a melhoria da situação pandémica, cada vez mais chineses venham visitar Portugal.

Portugal tem também muitos produtos de qualidade, que estão a ser bem vistos na China. Os vinhos de Portugal, incluindo o vinho do Porto e o vinho da Madeira, ou as cervejas como a Super Bock, têm muitos

apreciadores na China. Também os produtos de cortiça e a carne de porco de Portugal são produtos muito bem recebidos na China.

Quais são os principais desafios para a China e para a comunidade chinesa em Portugal?

Primeiro, a China e Portugal têm uma parceria estratégica global. Em segundo lugar, Portugal já assinou com a China um documento de cooperação para a construção conjunta da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”. Portugal também já estabeleceu uma “parceria azul” com a China. Portugal também foi o primeiro país na zona euro a emitir obrigações em renminbi. Temos na Europa, no total, cinco laboratórios conjuntos no quadro da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e três destes ficam em Portugal.

Quanto ao comércio entre a China e Portugal, o valor do volume comercial, em 2019, foi de 6,69 mil milhões de dólares americanos e, em 2020, atingiu os 6,96 mil milhões de dólares americanos. Em 2021, as trocas comerciais atingiram 8,81 mil milhões de dólares americanos, crescendo para 9,01 mil milhões no ano passado. Estes dados demonstram que, mesmo durante

a pandemia, o comércio bilateral continuou a crescer.

Em relação à nossa colaboração no âmbito da cultura e da educação, a China tem agora cinco delegações e duas salas de aula do Instituto Confúcio em Portugal, e estão a decorrer negociações para o estabelecimento de mais duas delegações do Instituto Confúcio. Há 13 escolas secundárias e primárias em Portugal que ensinam mandarim. Na China, incluindo em Macau, temos 47 universidades que ensinam a língua portuguesa, por isso, também temos excelentes colaborações nas áreas da cultura, ciência e tecnologia e educação.

Quanto aos desafios, o mais recente foi o da pandemia da COVID-19. Limitada a circulação das pessoas, o comércio também pode, de certo modo, ser afectado. Face a estes desafios, a China e Portugal têm intensificado ainda mais a sua comunicação e coordenação.

Nas colaborações concretas entre Portugal e China, também há alguns obstáculos. Por exemplo, quando as

empresas chinesas vêm investir em Portugal têm falta de conhecimento sobre as situações locais, mais concretamente sobre os critérios, regras e leis locais sobre investimento e negócios. Mas, se as empresas chinesas e portuguesas souberem resolver este problema, através, por exemplo, da criação de joint-ventures, com este modelo de cooperação não estão apenas a ultrapassar os desafios, estão a obter bons resultados na cooperação bilateral e, ao mesmo tempo, estão a explorar mercados terceiros em África e na América Latina. Por isso, por agora, o nosso principal objectivo é expandir o conhecimento sobre Portugal a mais chineses.

Tem vindo a referir em várias entrevistas que existem alguns obstáculos às empresas chinesas em Portugal. Que outros desafios se colocam?

Se, por exemplo, uma empresa chinesa quiser investir em Portugal numa empresa portuguesa, através da



© DIRECTOS REBRANDS

Zhao Bentang efectua visitas regulares junto da comunidade chinesa em Portugal



© DIREITOS RESERVADOS

“ As empresas e instituições portuguesas, quando querem entrar no mercado chinês, esperam fazê-lo através de Macau, que é um intermediário de confiança

ZHAO BENTANG
EMBAIXADOR DA REPÚBLICA
POPULAR DA CHINA EM PORTUGAL

detenção de 50 por cento das suas acções, tal investimento será limitado por algumas políticas. Além disso, as empresas chinesas têm menor conhecimento do que as empresas portuguesas no que diz respeito às políticas preferenciais locais. Por isso, quando enfrentam estes obstáculos, o seu entusiasmo em termos de colaboração com a parte portuguesa também poderá ser afectado. Devido às leis e regulamentos laborais de Portugal e da Europa, quando as empresas chinesas vêm investir cá, é preciso recrutar os trabalhadores locais, mas, como consequência, a eficiência poderá eventualmente ser menor do que em obras do mesmo género realizadas na China.



O Embaixador da República Popular da China, Zhao Bentang, entregou as suas credenciais ao Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, em Março de 2021

Por outro lado, os governantes portugueses também referem que é preciso criar mais estímulos para apoiar o investimento das empresas portuguesas na China. Que estímulos podem ser lançados?

Quando as empresas portuguesas procuram investir na China, se houver falta de conhecimento sobre o mercado local, vai ser um desafio. A maioria das empresas portuguesas são pequenas e médias empresas. Isso significa que ainda enfrentam o problema da falta de força conjunta para explorar o enorme mercado chinês. Por isso, as empresas e as instituições portuguesas, quando querem entrar no mercado chinês, esperam fazê-lo através de Macau, porque Macau, para elas, é um intermediário de confiança. Na verdade, muitas empresas portuguesas estão interessadas em explorar o mercado chinês, em que se destaca a Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Em segundo lugar, é a falta de conhecimento da parte chinesa sobre os produtos portugueses e

indústria de qualidade. É preciso autorização da parte chinesa para que estas empresas portuguesas entrem efectivamente no mercado chinês. Por isso, as empresas portuguesas têm menor competitividade em comparação com as empresas dos países grandes.

Mas Portugal tem as suas próprias indústrias vantajosas e, em relação a essas indústrias, a China está muito interessada em colaborar. Por exemplo, há pouco tempo tive oportunidade de visitar a Fundação Champalimaud, que está na vanguarda na investigação na área da biomedicina e a China tem muito interesse em colaborar com a Fundação neste sector.

Ao mesmo tempo, nos últimos dois anos, o investimento português na China registou um aumento muito rápido. Em 2021, o valor do investimento directo de Portugal na China foi superior a 40 milhões de euros e, no ano passado, esse valor atingiu cerca de 50 milhões de euros. É claro que este valor total ainda é pequeno, sobretudo em relação ao investimento directo chinês



© DIREITOS RESERVADOS

Zhao Bentang dá as boas vindas ao Ano Novo Lunar, numa cerimónia realizada no Porto em Janeiro deste ano

em Portugal, que, em 2021, já atingiu 10,6 mil milhões de euros.

Para se fazer melhor o trabalho de promoção e para que as empresas portuguesas conheçam melhor o mercado chinês, temos encorajado as empresas portuguesas a participarem na Feira de Importação e Exportação da China, em Xangai. E a AICEP [Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal] agora está a planear duas visitas à China este ano.

EUR10,6 mil milhões

Valor do investimento directo da China em Portugal, em termos de stock, em 2021

Olhando para a comunidade chinesa em Portugal, quais foram as principais mudanças nestes últimos anos?

Antes da pandemia, havia cerca de 30.000 chineses residentes em Portugal e, durante a pandemia, havia 25.000 e, agora, esse número já recuperou para cerca de 26.000 ou 27.000.

Durante a pandemia, também visitei as nossas comunidades nas várias cidades portuguesas, por exemplo, em Vila do Conde, na Madeira, sítios onde se concentram mais chineses, e descobri que, mesmo durante a pandemia, a vida e os negócios deles foram afectados por este ambiente geral, mas, em comparação com as empresas locais, sofreram menos.

Muitos chineses também têm os seus canais de fornecimento na China e podem servir como intermediários para ajudar as empresas portuguesas a continuar a fazer negócios. Por isso, os chineses que optaram por voltar à China por um certo período também desempenharam um papel de ligação nesta cadeia de negócios. ▲

CHINA-PORTUGAL

Novo fôlego para as relações empresariais

Representantes de associações comerciais luso-chinesas estão confiantes que a reabertura da China depois de quase três anos de restrições pandémicas vai permitir novos contactos e até o reforçar das relações empresariais entre os dois países nos próximos anos

Texto | Nelson Moura

FORAM já muitas as quarentenas que Bernardo Mendia, secretário-geral da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa (CCILC), teve de cumprir desde o início da pandemia da COVID-19 em 2020.

Com família e negócios em Hong Kong e sem poder evitar passar pelo território vizinho durante os últimos anos, Bernardo Mendia foi completando as medidas de observação médica necessárias, conforme os requisitos iam mudando com o passar dos meses.

Os últimos três anos foram repletos de obstáculos, tanto para Macau como para Hong Kong, regiões com economias dependentes de um fluxo regular e aberto nas suas fronteiras, mas que durante certos períodos implementaram a obrigatoriedade de quarentenas de 21 dias à chegada em local designado.

No entanto, a bruma que havia caído sobre as relações empresariais entre Portugal, o Interior da China e

as duas regiões administrativas especiais parece estar finalmente a levantar à medida que as restrições contra a pandemia vão sendo relaxadas.

“Fui sentindo sempre uma evolução enorme das vezes que passei por Hong Kong, principalmente no que toca ao ambiente na cidade”, conta à Revista Macau o secretário-geral da CCILC. “Sente-se que há mais vontade de fazer as coisas acontecer. Discutem-se negócios e as pessoas já estão com entusiasmo.” Mas logo acrescenta: “Ainda temos uma margem grande para se voltar ao que era antes da pandemia, mas de certeza que se vai voltar”.

Embora considere difícil apontar que áreas de negócios recuperarão mais rápido, Bernardo Mendia salienta que o mais importante actualmente é garantir que o fluxo de pessoas entre os dois lados retome a normalidade pré-pandémica.

“A partir de agora vai haver oportunidades de regressar ao mercado e isso é que faz muita falta, não só a oportunidade de ir à China, Macau e Hong Kong, mas também que empresários dessas jurisdições possam vir



Os produtos dos países de língua portuguesa, incluindo de Portugal, têm vindo conquistar o mercado de Macau e do Interior da China

© CHEONG KAM KA

a Portugal”, nota o representante da CCILC, acrescentando que a ausência de contactos a longo prazo não seria um bom auspício para as relações empresariais entre os dois lados.

US\$9,01 mil milhões

Valor das trocas
comerciais entre a China
e Portugal em 2022

“Numa última viagem fizemos uma visita guiada ao aeroporto de Hong Kong pelo seu director-executivo e foi nos indicado que a capacidade total chegou a estar a 5 por cento, agora está a 15 por cento e em 2023 deve chegar a 25 por cento”, revela Bernardo Mendia. O retorno dos contactos empresariais regulares “tem que ser passo a passo, não acontece de um momento para o outro, mas está a evoluir”, acrescenta, referindo que o mesmo se irá passar com Macau e o Interior da China.

O comércio entre a China e os países de língua portuguesa atingiu 214,83 mil milhões de dólares americanos em 2022, um aumento de 6,3 por cento em comparação com 2021, de acordo com informações publicadas pelo Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Durante o ano passado, o comércio sino-português



“ Temos um plano muito ambicioso para os próximos dois anos [...] serão muito importantes para a relação bilateral entre Portugal e China

BERNARDO MENDIA
SECRETÁRIO-GERAL DA CÂMARA DE
COMÉRCIO E INDÚSTRIA LUSO-CHINESA

creceu 2,4 por cento em termos anuais, atingindo 9,01 mil milhões de dólares americanos.

Estatísticas do Banco de Portugal divulgadas recentemente indicam que a China foi o quinto país que mais investiu em Portugal em 2022. No ano passado, o investimento directo da China em Portugal, em termos de stock, atingiu cerca de 11,23 mil milhões de euros, um aumento de 5,7 por cento em termos homólogos, de acordo com os dados do banco central português.

Luz ao fundo do túnel

Sem ser necessário mais quarentenas à chegada a Macau, Interior da China e Hong Kong, ganham novo fôlego as relações empresariais entre a China e Portugal.

Para Carlos Torres, secretário-geral da Câmara de Comércio e Indústria Portugal-Hong Kong (PHKCCI, na sigla em inglês), a eliminação das medidas de controlo pandémico eram o catalisador esperado para recuperar o intercâmbio empresarial sino-português.



“A nossa posição tem se mantido basicamente inalterada desde Fevereiro de 2020, no sentido de que devemos continuar a incentivar negócios e relações comerciais. Agora que as medidas de controlo pandémico estão a ser eliminadas as perspectivas são muito positivas”, diz Carlos Torres à Revista Macau.

Para o representante da PHKCCI, empresários de Portugal poderão agora voltar a Macau e a Hong Kong para reactivar e realizar novos contactos e participar



As trocas comerciais entre a China e Portugal continuaram a crescer em 2022

nas feiras e eventos comerciais regularmente organizados nas duas regiões administrativas especiais da China.

“A nossa perspectiva é que 2023 seja um primeiro ano de regresso à normalidade. As feiras em Hong Kong já abriram todas em Novembro de 2022 e já há dados estatísticos em que se nota a diferença nas chegadas de estrangeiros, que têm vindo a aumentar. Espera-se que 2023 seja o ponto de viragem”, nota.

Com um novo Embaixador de Portugal na

República Popular da China, Paulo Jorge Nascimento, um novo Cônsul de Portugal em Macau e Hong Kong, Alexandre Leitão, e um novo delegado da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) em Macau, Bernardo Almeida Pinho, tanto Carlos Torres como Bernardo Mendia consideram que todas as estrelas se alinham para um rejuvenescer das relações empresariais entre Portugal e a China nos próximos anos.

Nos últimos três anos, e apesar da pandemia, a China registou um crescimento económico médio anual de 4,5 por cento, superior à média mundial, com um estudo recente do Fundo Monetário Internacional (FMI) a projectar um crescimento do produto interno bruto da China de 4,4 por cento em 2023 e 4,5 por cento em 2024.

Entretanto, o FMI calcula que o crescimento da economia portuguesa se tenha fixado nos 6,2 por cento em 2022. As estimativas para este ano, no entanto, foram reduzidas para 0,7 por cento, aumentando para 2,4 por cento em 2024. Para além da instabilidade a nível global, outros factores que afectam as perspectivas de crescimento português incluem o impacto das

alterações da política monetária do Banco Central Europeu, com sucessivos aumentos das taxas de juro para controlar a galopante inflação na zona euro.

Agenda preenchida

Tanto Bernardo Mendia como Carlos Torres – que colaboram regularmente através das respectivas organizações – indicam que as duas associações possuem planos ambiciosos de cooperação e uma possível agenda de eventos bem preenchida para 2023 e 2024.

“Temos um plano muito ambicioso para os próximos dois anos, que será apresentado à direcção. Planeamos organizar duas delegações à China, incluindo



O retorno de contactos regulares, através de eventos presenciais, faz parte da agenda das associações comerciais

Macau, em 2023 e 2024, para levar empresários e reatar relações que se tenham eventualmente perdido. Estes dois anos serão muito importantes para a relação bilateral entre Portugal e China”, realça Bernardo Mendia.

Para acentuar essa importância, o dirigente lembra que em 2023 se celebram 510 anos da chegada de Jorge Álvares à China, mais concretamente a Tamão, onde agora Hong Kong se encontra, e a própria CCILC vai celebrar 45 anos este ano, com vários eventos e a publicação de livros comemorativos.

Outro marco importante será a abertura de uma nova câmara de comércio luso-chinesa em Xangai, com 2024 a assinalar também os 25 anos da transferência da administração de Macau de Portugal para a China.

“São muitas as efemérides a ter lugar nos próximos dois anos, o que vai criar boas oportunidades para os empresários, pois teremos boas narrativas e muita atenção das autoridades”, aponta Bernardo Mendia, que integra também os órgãos sociais da PHKCCI.

Por seu turno, Carlos Torres diz que a associação que representa irá organizar pela primeira vez actividades para celebrar o Ano Novo Lunar no Porto, em cooperação com o Departamento Económico e Comercial do Governo de Hong Kong.

“Um fórum sobre a internacionalização e exportação vai ser organizado em Março, no Porto. Será a segunda edição deste evento, que teve lugar em Lisboa no ano passado, e que vai juntar cerca de 26 câmaras de comércio e indústria portuguesas”, afirma Carlos Torres.

Entretanto, em 2023 será lançada uma Câmara de Comércio e Indústria Hong Kong-Portugal, uma entidade registada em Hong Kong que servirá de representação empresarial portuguesa no território vizinho e estará alinhada com os desígnios da PHKCCI.

“Trata-se de uma iniciativa de empresários portugueses que conta com o apoio quer do Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, quer do Cônsul Honorário de Portugal em Hong Kong, o Comendador Dr. Ambrose So”, revela Carlos Torres.

Para 2024, está planeada também uma reunião de câmaras de comércio portuguesas no estrangeiro – organizada regularmente no Brasil – que terá lugar



Agora que as medidas de controlo pandémico estão a ser eliminadas as perspectivas são muito positivas

CARLOS TORRES
SECRETÁRIO-GERAL DA CÂMARA
DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA
PORTUGAL-HONG KONG

pela primeira vez em Hong Kong. Esta é uma iniciativa da Rede das Câmaras de Comércio Portuguesas e da PHKCCI.

Em 2022, a PHKCCI organizou a primeira edição do prémio Comendador Ambrose So, com o galardão entregue à agência de investimento Invest Hong Kong. O prémio promovido pela PHKCCI é atribuído bienalmente e tem como principal objectivo homenagear publicamente cidadãos, empresas e entidades que se tenham distinguido pelos seus feitos e/ou contributos no âmbito das relações comerciais entre Portugal e Hong Kong.

O Invest Hong Kong é o departamento governamental responsável pelo investimento estrangeiro directo no território vizinho, apoiando empresas do exterior a estabelecer ou a expandir operações em Hong Kong.

“A Invest Hong Kong tem oferecido um grande apoio aos nossos eventos, o próprio director-geral já veio participar em vários eventos em Portugal”, refere Carlos Torres. ▲

TIMORENSES EM MACAU

UNIDOS NA PLURALIDADE

Entre as comunidades dos países de língua oficial portuguesa radicadas em Macau é das mais pequenas, mas também das mais ecléticas. Os naturais de Timor-Leste que vivem e trabalham no território superam levemente a meia centena, mas são um bom espelho do longo, rico e atribulado percurso do país, diz Leong I Kau, presidente da Associação de Amizade Macau-Timor

Texto | Marco Carvalho

“**S**INTO muitas saudades de Timor. É o lugar onde nasci, onde sorvi o meu primeiro sopro, onde cresci.” Aos 78 anos, a memória já não ostenta a frescura de outrora, mas Leong I Kau evoca as aldeias ensolaradas de Baucau e os lugares dourados da meninez com a ternura de quem não esquece um primeiro amor.

Filho de um funcionário da Capitania dos Portos destacado pelo então governo português de Macau para a segunda maior cidade de Timor-Leste, Leong I Kau mudou-se para Macau com o pai e uma irmã em 1959 e teve de esperar décadas para regressar a solo timorense, mas o fascínio pelo país onde nasceu nunca o abandonou.

“Quando Timor se tornou independente e se abriu, eu decidi regressar. Como nasci em Timor-Leste, decidi visitar a minha pátria. O meu pai tinha algumas propriedades lá e eu queria ver como essas propriedades estavam, talvez desenvolvê-las”, recorda Leong I Kau.

O empresário, que ao longo dos anos construiu um império no domínio dos componentes electrónicos no Interior da China, está agora à frente dos destinos da Associação de Amizade Macau-Timor.

Inexorável, a passagem do tempo corroeu o pouco português que aprendeu na escola, mas o tétum – a língua do desenfado, adquirida em longas tardes de brincadeira nas ruas empoeiradas – floresce, solta-se com desenvoltura e é no mais divulgado dos idiomas timorenses que Leong I Kau invoca a tentativa



que promoveu com o intuito de ajudar a desenvolver a economia de Timor-Leste. Em 2005, três escassos anos depois de a mais jovem nação do continente asiático se ter tornado independente, o empresário abriu, em Manatuto, uma das primeiras fábricas do país. O projecto, que chegou a empregar mais de duas centenas de trabalhadores, fracassou ao fim de apenas meio ano, mas Leong I Kau não perdeu a fé no potencial económico de Timor-Leste.

“Regressei a Timor-Leste em 2005 e decidi abrir ali uma fábrica de componentes electrónicos, mas os custos de transporte eram demasiado caros na altura. Acabámos por encerrar a fábrica ao fim de cerca de seis meses de funcionamento”, lamenta o empresário. “Tencionamos reabrir as instalações quando houver outras alternativas de transporte

ou quando os custos de transporte forem mais baixos”, acrescenta o dirigente.

Diversidade e união

Pelas contas de Leong I Kau, há em Macau cerca de duas dezenas de residentes de origem chinesa que nasceram ou cresceram em território timorense quando o país era ainda uma colónia portuguesa. A estes, crescem outras duas dezenas de residentes de longa data, de origem maubere, que se fixaram em Macau nos turbulentos anos que antecederam a restauração da independência de Timor-Leste, a 20 de Maio de 2002. Os timorenses que vivem em Macau trabalham para a função pública, possuem negócios ou preparam o caminho para o sacerdócio, segundo o dirigente associativo.

O desenvolvimento económico de Timor-Leste passa fundamentalmente pelo turismo

LEONG I KAU
PRESIDENTE DA
ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE
MACAU-TIMOR

Pequena e plural, a comunidade timorense recebeu, nos anos que precederam a pandemia da COVID-19, uma nova injeção de vitalidade, com a chegada ao território de mais de uma dezena e meia de estudantes, a maior parte alunos do Seminário de São José que preparam em Macau a via do sacerdócio.

“Há por volta de 30 pessoas de Timor-Leste que vieram para cá para estudar e trabalhar. Encontramo-nos algumas vezes por ano. A associação é uma forma de nos mantermos em contacto com os nossos amigos timorenses. Encontramo-nos, sentamo-nos à mesa, jantamos e falamos sobre Timor-Leste. Todos sentimos muitas saudades de Timor”, assegura Leong I Kau.

A saudade e o amor à terra que os viu nascer são o cimento que mantém unida a comunidade, mas a razão de ser da Associação de Amizade Macau-Timor, constituída em 2001, não se esgota em exercícios de reminiscência e de partilha ao redor da mesa. Ciente do grande potencial económico de Timor-Leste, Leong I Kau defende que a organização é a plataforma ideal para dar a conhecer os atractivos do país.

“Timor-Leste é um dos lugares mais pacíficos do mundo. Não tem guerras, não tem tufões, não tem terremotos. Oferece um ambiente de negócios muito bom”, sustenta o empresário. “Enquanto presidente da Associação de Amizade Macau-Timor, considero que também sou responsável por estratégias de promoção de investimento, por fazer com que eventuais investidores chineses fiquem a conhecer melhor Timor-Leste ou que homens de negócios de Timor-Leste explorem oportunidades no Interior da China e em Macau”, refere.



© DRENTOS RESERVADOS

Os investimentos em Timor-Leste permitirão ao país criar uma economia moderna e diversificada

O café de Timor-Leste é actualmente a principal referência do país em termos de exportações. “No passado não havia muitos chineses a beber café, mas isso mudou. O café de Timor tem mais de cem anos de história e é um dos melhores cafés do mundo. São cada vez mais as pessoas que conhecem o café de Timor, mas nós queremos que ele seja ainda mais conhecido. Nos nossos planos está a promoção do nosso café na China”, adianta o dirigente associativo.

Timor-Leste, sustenta o presidente da Associação de Amizade Macau-Timor, tem muito mais para oferecer.

“Tanto quanto sei, o desenvolvimento económico de Timor-Leste passa fundamentalmente pelo turismo. Vão ser construídos muitos hotéis e há praias que são comparáveis às dos destinos mais procurados do mundo. Tenho falado com os líderes políticos do país e o que lhes tenho dito é que necessitamos de nos concentrar no desenvolvimento do turismo em Timor-Leste. Se soubermos fazer as coisas, teremos um destino mais bonito do que qualquer outro lugar do mundo”, remata Leong I Kau. ▲



◀ VER VÍDEO AQUI

塵光

方力鈞個展

The Light of Dust

A Luz Poeirenta

FANG LIJUN

藝無界
Art Boundless
Arte Sem Limites

Organizadores:

澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da Região Administrativa Especial de Macau

澳門藝術博物館
MUSEU DE ARTE DE MACAU

Apoio:

廣東省美術館
廣東省美術館

廣東美術館
廣東美術館

瓊州老窖·國窖1573

Com o apoio académico de:

ACAC

MUSEU DE ARTE DE MACAU Avenida Xian Xing Hai, Macau

Horário da exibição: 10h00 – 19h00 (última admissão às 18h30). Encerra às Segundas-feiras, aberto nos dias feriados. Entrada livre.

Tel: (853) 8791 9814 Fax: (853) 2875 1317 Website: www.MAM.gov.mo E-mail: MAM@icm.gov.mo



澳門文化局 IC 澳門藝術博物館 Macao Museum of Art

藝博館
MAM

04/03 - 11/06/2023

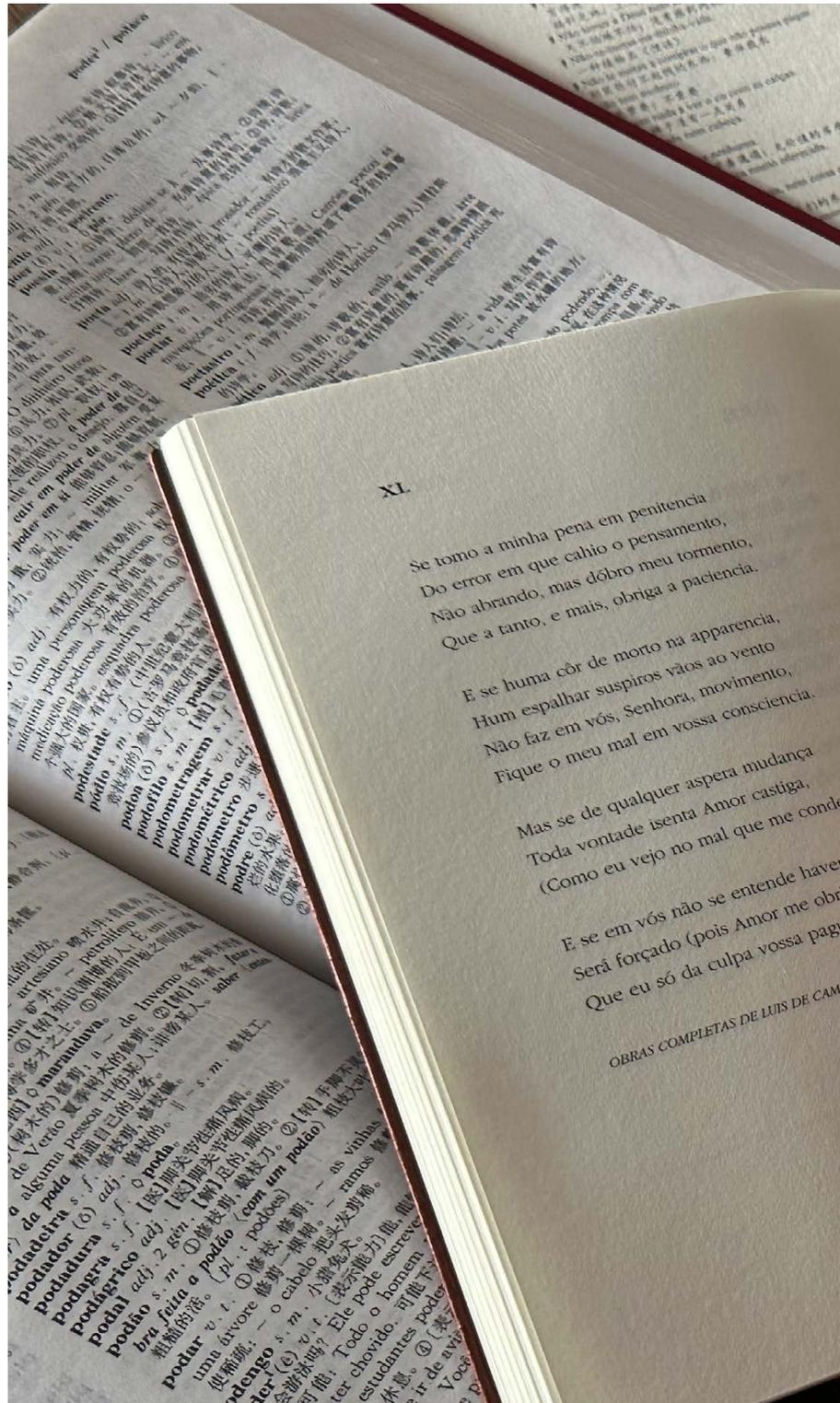
LITERATURA

Sensibilidade

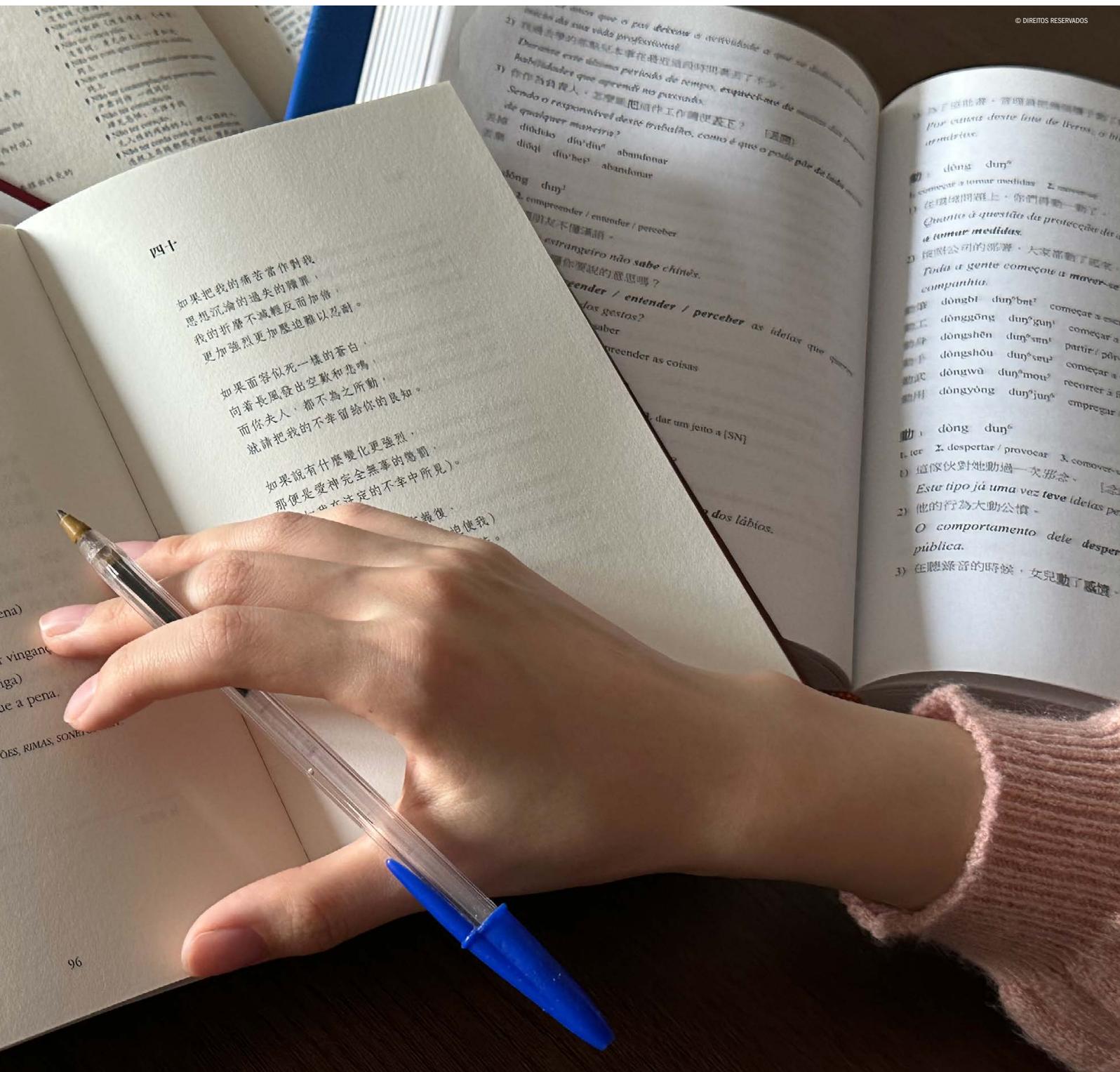
Cada vez mais literatura portuguesa é traduzida para chinês, mas é a poesia que continua a ser o lugar de todos os desafios. Poetas lusos vertidos para o idioma sínico e tradutores da língua de Pessanha falam sobre um diálogo que requer tanto trabalho quanto sensibilidade

Texto | Helder Beja

É JUSTO dizer, como fazia o autor alemão Goethe, que há em cada língua qualidades próprias e intraduzíveis. Porém, não fossem os tradutores, e os diferentes povos do mundo – já tantas vezes incapazes de se entender entre si – estariam entregues a uma cacofonia sem fim, ou remetidos a essas províncias de silêncio de que falava o filósofo e crítico literário George Steiner. Em literatura, traduzir é, inevitavelmente, trair. E, no caso muito específico da poesia, como diz à Revista Macau o poeta português Nuno Júdice, “a



e bom verso



四十

如果把我的痛苦當作對我
思想沉淪的過失的贖罪，
我的折磨不減輕反而加倍，
更加強烈更加壓迫難以忍耐。

如果面容似死一樣的蒼白，
向着長風發出空歎和悲鳴，
而你夫人，都不為之所動，
就請把我的不幸留給你的良知。

如果說有什麼變化更強烈，
那便是愛神完全無辜的懲罰。
(在不幸注定的不幸中所見)。



Traduzir qualquer poeta é um processo de aprendizagem e uma tentativa de estabelecer cumplicidade com ele

YAO JINGMING
ACADÉMICO,
TRADUTOR E POETA



© DIRETOS RESENADOS

melhor tradução é a que melhor esconde a traição”.

Nuno Júdice é um dos muitos autores portugueses traduzidos para chinês nas últimas décadas, período em que se registou um aumento significativo do número de traduções literárias entre os dois idiomas, impulsionadas por uma série de apoios governamentais e institucionais. O “Catálogo de Autores Portugueses Publicados na China”, da autoria da Embaixada de Portugal em Pequim, lançado

pela primeira vez em 2020 e revisto e ampliado no ano passado, identifica 409 traduções desde os anos 1940 – altura das primeiras traduções conhecidas – até ao ano passado, sendo que mais de metade dessas, um total de 215, foram lançadas nos últimos 20 anos.

No Interior da China, o primeiro registo de poesia portuguesa editada em língua chinesa data de 1981 e é uma colectânea de versos de Luís Vaz de Camões, traduzida por uma equipa do Instituto de

Línguas Estrangeiras de Pequim (instituição actualmente denominada de Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim). É preciso esperar seis anos para encontrar nova edição lírica, desta feita com poemas de Fernando Pessoa e tradução assinada por um nome que irá repetir-se ao longo de vários anos e livros: Zhang Weimin. O tradutor dedicou a maior parte dos seus esforços a Fernando Pessoa e também a Camões, tendo sido o primeiro a verter para a língua

chinesa a versão integral de “Os Lusíadas”. A par do seu trabalho, os anos 1980 e 1990 foram profícuos acima de tudo pela mão de tradutores como Jin Guoping e de um académico, tradutor e poeta que há muito faz de Macau a sua casa: Yao Jingming, ou Yao Feng, no seu pseudónimo literário, nome incontornável da tradução de literatura em língua portuguesa para chinês.

A viagem do poema

“Traduzir qualquer poeta é um processo de aprendizagem e uma tentativa de estabelecer cumplicidade com ele”, diz Yao Jingming à Revista Macau. Hoje a leccionar na Universidade de Macau, Yao estudou espanhol durante a Revolução Cultural, mas acabou por escolher o curso de português depois de entrar no ensino superior. O interesse pela tradução de

poesia portuguesa só apareceu depois de terminada a graduação, quando se dedicava à investigação académica.

“Em comparação com outras literaturas do Ocidente, especialmente a russa, a francesa, a britânica ou a americana, a literatura portuguesa tardou em chegar à China”, escreve Yao Jingming no texto de apresentação do catálogo publicado pela Embaixada de Portugal em Pequim. E lembra que a primeira obra lusa a ser traduzida (a partir do russo) e publicada no Interior da China foi nada mais que um romance neo-realista, “Esteiros”, de Soeiro Pereira Gomes, dado à estampa na capital chinesa em 1955. “O livro era adequado ao contexto político da China, que investia na solidariedade para com os oprimidos de todos os países”, nota o também poeta.

Hoje, a literatura portuguesa tem “um leque cada vez mais alargado de leitores chineses, para os quais nomes como o de Fernando Pessoa, de José Saramago, de Eugénio de Andrade, de Sophia de Mello Breyner Andresen ou de António Lobo Antunes já se tornaram referências indispensáveis”, aponta Yao Jingming. Trata-se de “um mundo riquíssimo de maravilhas e intensidades, um mundo que merece ser partilhado e descoberto pelos chineses”, acrescenta.

O tradutor começou a viajar poemas de um idioma para outro em 1990 com o livro “Com Palavras Amo”, de Eugénio de Andrade, poeta a que regressaria muitas vezes. “Recebi uma antologia de Eugénio de Andrade em 1984, li e gostei tanto que comecei a escolher 50 poemas para traduzir. Mais tarde, a tradução foi enviada para o Instituto Cultural de Macau e Carlos Marreiros, então presidente da instituição, decidi publicá-la”, lembra. Seguiu-se o trabalho de tradução para a obra “Vinte Poetas de Portugal”, publicada em 1992, também pelo Instituto Cultural de Macau, vindo depois, no Interior da China, a obra “Poesia Portuguesa Moderna” (1993), traduzida em parceria com Sun Chengao e publicada em Pequim pela China Foreign Translation and Publishing Corporation, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Para Yao Jingming, cada poeta é um mundo próprio. “Faço esforços para ser ‘fiel’ (na prática é difícil



Em 2022, foi publicado no Interior da China o livro “Sonetos”, uma tradução da obra completa da poetisa portuguesa Florbela Espanca



É preciso dar espaço ao tradutor, pois ele está numa reescrita, numa reinterpretação do original

GISELA CASIMIRO
POETISA PORTUGUESA,
TRADUZIDA
PARA CHINÊS



© DIRETOS RESENADOS

e a fidelidade é sempre relativa) na tradução de cada poeta.” Ao fim de muitos anos, o grande desafio deste ofício cabe-lhe em poucas palavras: “Como fazer com que um poema traduzido continue a ser poema na língua de chegada”. Entre outros, o tradutor aventurou-se no mundo de autores portugueses como Sophia de Mello Breyner Andresen, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, Luís Filipe Barreto, Alberto Estima de Oliveira, Gisela Casimiro e Nuno Júdice, de

quem está neste momento a traduzir uma antologia.

Uma questão de sensibilidade

O domínio dos idiomas não chega para garantir uma boa tradução, pois não se trata apenas de palavras, mas de tornar inteligível toda uma cultura. Junta-se a isto um factor que autores e tradutores consideram essencial: a sensibilidade do escriba. A pergunta, então,

impõe-se: um poeta traduz melhor a poesia de outro?

“Creio que um poeta pode entender melhor a música de cada poema e transpô-lo, evitando o que, para quem não tem essa sensibilidade, poderá resultar numa versão que pode estar correcta quanto ao sentido, mas com uma sonoridade mais prosaica do que poética”, aponta Nuno Júdice. “Claro que também há tradutores que não são poetas e que têm essa sensibilidade. A arte da tradução

de poesia consiste em conseguir entrar no mundo de uma obra poética e começar a sentir-se à vontade para dominar os seus eixos principais.” O escritor português conta que já teve oportunidade de escutar poemas seus na tradução de Yao Jingming e, embora não tenha qualquer conhecimento de língua chinesa, sentiu “essa música” que compõe a poesia.

Nuno Júdice explica que a tradução de um romance, para lá do estilo próprio de cada escritor e do modo como ele o constrói e encontra uma linguagem própria, tem uma diferença importante face à poesia: “A narrativa, a intriga, os personagens, as descrições, tudo faz parte de uma sequência que a tradução acompanha de um modo linear. A poesia obriga a que, no fim de um verso ou de uma estrofe, se tenha de voltar atrás e se verifique se o ritmo funciona, se não há conflitos entre as palavras, repetições, um ruído que perturbe a harmonia que o poema transporta. Por isso, quando se verifica esse cuidado na língua de chegada, e se obtém um poema a partir do original, a tradução resulta”, diz. “É preciso uma sensibilidade própria do tradutor para obter esse resultado.”

Gisela Casimiro, de quem em 2021 a Praia Grande Edições, editora sediada em Macau, deu à estampa “Erosão” – também numa tradução de Yao Jingming, assinada sob o pseudónimo Yao Feng –, considera que, à partida, existem vantagens em que um poeta traduza

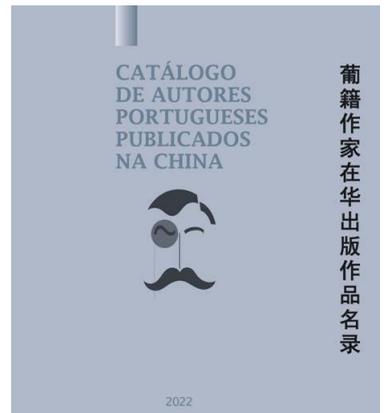
outro, “por uma questão de prática comum”. “Existe uma sensibilidade diferente, a um nível mais técnico, uma comunhão desse ofício partilhado.” Porém, ressalva que “a poesia não é de todo exclusiva dos poetas, portanto não implica que outra pessoa não consiga o mesmo efeito, talvez apenas demore mais tempo ou faça um percurso distinto”.

No caso da tradução dos seus poemas para chinês, a autora lusa nascida na Guiné-Bissau acredita que a “proximidade” de Yao Jingming à língua e à cultura portuguesas “transparece sem dúvida para o resultado”. O processo de tradução, tanto no caso de Nuno Júdice como no seu, não foi colaborativo. “É preciso dar espaço ao tradutor, pois ele está numa reescrita, numa reinterpretação do original. Conversar sobre a tradução teria sido o ideal, havendo essa necessidade

por parte do tradutor, claro, e considerando o contexto específico de alguns poemas, mas não foi o que aconteceu”, conta Gisela Casimiro. “Fui falando mais com o editor, o Ricardo Pinto. A tradução foi marcada pelo início da pandemia, dos confinamentos, de vários tumultos sociais e políticos, que afectaram o processo, as deslocações, a comunicação. Contudo, Yao e eu tivemos uma bela conversa (online para mim)” na edição de 2021 do Rota das Letras – Festival Literário de Macau, na qual o livro foi apresentado.

Macau: potencial e limitações

Em Macau, o primeiro título traduzido e publicado em chinês de que há registo no “Catálogo de Autores Portugueses Publicados na China”



A Embaixada de Portugal em Pequim lançou em 2020 o “Catálogo de Autores Portugueses Publicados na China”, revisto e ampliado no ano passado



Os leitores chineses amam Pessoa. Vêem Pessoa como um contemporâneo deles a dizer o que querem exprimir, mas não podem (ou não conseguem)

PATRÍCIA JIN XINYI
CO-AUTORA DA
TRADUÇÃO INTEGRAL
PARA CHINÊS DO “LIVRO
DO DESASSOSSEGO”,
DE FERNANDO PESSOA



© DIREITOS RESERVADOS

da Embaixada de Portugal em Pequim é “Os Lusíadas Contados às Crianças e Lembrados ao Povo” (1942), obra de divulgação assinada por João de Barros, historiador e autor de “As Décadas da Ásia”. A tradução esteve a cargo do ilustre macaense Luís Gonzaga Gomes e de Zhang Yizhi. Gonzaga Gomes, aliás, aventurar-se-ia novamente na tradução literária para chinês, dessa feita a solo, publicando em 1959 “Mensagem”, de Fernando Pessoa.

O papel de Macau enquanto centro de traduções é destacado por Yao Jingming no texto que assina no catálogo de autores portugueses. “É de sublinhar que em termos de tradução e edição de escritores portugueses, Macau desempenhava um papel significativo, especialmente depois da criação do Instituto Cultural de Macau em 1984, tendo vindo a lume numerosas obras de escritores portugueses”, escreve. Porém, Yao Jingming não deixa de notar que,

apesar de a actividade de tradução e edição ainda ser regular no território, “infelizmente as publicações circulam-se apenas nesta parcela”.

Ricardo Pinto, responsável pela Praia Grande Edições e director do Festival Literário de Macau, concorda com o diagnóstico. “A maioria dos livros que se publicam em Macau jamais sai do estreito confinamento do mercado local”, explica. “Para que isso deixe de ser assim, são necessários mais apoios à distribuição em alguns mercados-alvo,

nomeadamente Pequim, Xangai, Guangzhou e outras grandes cidades do Interior da China, bem como Hong Kong e Taiwan, no caso das publicações em chinês.” O mesmo vale para Portugal, Brasil e outros mercados em países ocidentais quanto a publicações em português, inglês ou noutras línguas. O responsável sugere ainda uma alternativa “mais fácil de conseguir e, por isso, mais realista”: o desenvolvimento de plataformas digitais que permitam uma maior divulgação e acesso à distância aos livros publicados em Macau, em formato impresso ou electrónico. “Há muito a fazer nesta área e os resultados podem ser francamente compensadores”, diz.

Para uma editora de Macau, os grandes desafios que se colocam no momento de pensar em publicar uma tradução de poesia lusa para língua chinesa prendem-se desde logo com a “escassez de tradutores literários de português-chinês”, prosseguem com o “grande

desconhecimento existente em Macau e também no Interior da China relativamente à maioria dos poetas lusófonos” e desagua nos já referidos “elevados custos e a dificuldade de acesso a circuitos de distribuição para lá do exíguo mercado local”, diagnostica Ricardo Pinto.

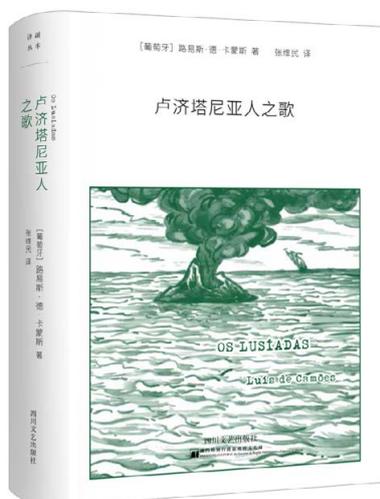
Apesar das dificuldades, a Praia Grande Edições e o Festival Literário de Macau vêm mantendo uma actividade regular no campo da poesia, que esperam poder retomar já este ano, com o fim das restrições às viagens, ligadas à COVID-19. “No último ano em que ainda tivemos convidados de fora, 2019, o festival teve a poesia como tema central e isso reflectiu-se na nossa actividade editorial subsequente: publicámos uma antologia de poemas, trilingue, reunindo trabalhos de poetas locais, do Interior da China e de vários países lusófonos”, nota Ricardo Pinto. Seguiram-se a já referida edição do livro “Erosão” de

Gisela Casimiro em versão bilingue e ainda a publicação bilingue de uma antologia de poemas do moçambicano José Craveirinha, por ocasião do centenário do seu nascimento, iniciativa proposta à editora pela académica Lola Geraldine Xavier, docente na Universidade Politécnica de Macau.

Ricardo Pinto está ciente de que traduzir e editar poesia, em vez de prosa, “requer um ainda maior grau de especialização em termos de tradução, desafio acrescido que só é parcialmente atenuado pela grande popularidade do género poético na comunidade chinesa de Macau”.

Jovens especialistas

Se é verdade que continuam a faltar tradutores literários que garantam a travessia poética entre as línguas portuguesa e chinesa, a situação parece ser hoje bem mais animadora do que há décadas. Yao Jingming confirma que “está a surgir uma nova geração de tradutores” – entre eles Patrícia Jin Xinyi, jovem tradutora que vive entre Macau, Pequim e Hangzhou e que é co-autora, com Cristina Zhou Miao, daquela que é apresentada como a primeira tradução integral para chinês do “Livro do Desassossego”, obra em prosa poética de Fernando Pessoa, assinada pelo seu heterónimo Bernardo Soares. A tradução foi publicada no ano passado pela Beijing United Publishing Company.



Nas últimas quatro décadas, o Instituto Cultural apoiou a tradução para chinês da obra de diversos poetas portugueses, incluindo de Camões



[Fernando Pessoa] impressionou-me muito. Não sabia que se podia escrever poesia assim. Foi uma grande experiência, um abrir de olhos

YANG TIEJUN
TRADUTOR DE “IMAGINA
UMA ROSA FUTURA –
ANTOLOGIA DE PESSOA”



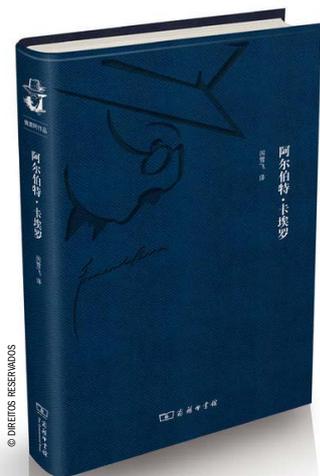
© DIREITOS RESERVADOS

Jin Xinyi, que destaca, desde logo, o trabalho das gerações de tradutores que a antecederam, estudou língua portuguesa no ensino superior e a tradução de poetas lusófonos surgiu como “uma coisa natural”. “No curso de licenciatura, nomeadamente no segundo e terceiro anos, tive oportunidade de conhecer e ler, em português, mais obras literárias, tanto de poesia como de ficção, de vários países de língua portuguesa. Estava ansiosa por partilhá-las com os

meus amigos que não falam português, mas que também adoram literatura. Gostava de lhes mostrar que ainda havia tantos escritores e obras que não eram conhecidos no mundo chinês, mas indubitavelmente excelentes”, conta à Revista Macau.

Traduzir “O Livro do Desassossego” foi “uma jornada difícil” e que afectou a própria saúde da jovem tradutora. “Houve meses em que me fechei no meu apartamento em Coimbra, em Portugal, devido

ao surto de pandemia. Sofri de insónias pelo stress da vida isolada. Mas também consegui uma atenção extremamente concentrada durante as noites. Fisicamente com grande desassossego, mentalmente com belíssima inspiração”, elabora. Houve, por outro lado, “enorme alegria e satisfação” ao longo de um processo meticuloso: “Reli, repensei e mastiguei cada linha e cada palavra do texto, ficando plenamente consciente da sua grandeza e do seu imenso alcance, e das



Fernando Pessoa é um dos autores portugueses mais traduzidos para língua chinesa

possibilidades e riqueza existentes na língua portuguesa como veículo literário”, recorda. “Penso que o ‘Livro do Desassossego’ desbloqueia, de certo modo, as algemas do português moderno e demonstra que ‘na palavra livre se contém toda a possibilidade de o dizer e pensar [o mundo]’”, conclui, citando um trecho da obra.

O “Livro do Desassossego” é um dos livros portugueses mais traduzidos e retraduzidos para chinês. Existem diversas versões assinadas por outros tantos tradutores e quase todas a partir do inglês, como aquela inicialmente publicada em 1999 pelo importante escritor chinês Han Shaogong, que ajudou a celebrar o livro (ou pelo menos uma versão dele) e o próprio Fernando Pessoa junto dos amantes da leitura ocidental no Interior da China.

“Os leitores chineses amam Pessoa. Seja qual heterónimo for traduzido para chinês, vão comprar o livro e ler. Vêem Pessoa

como um contemporâneo deles a dizer o que querem exprimir, mas não podem (ou não conseguem)”, explica Jin Xinyi.

Yang Tiejun, que traduziu Pessoa recorrendo a várias edições em língua inglesa e à amiga e tradutora de português Min Xuefei, diz à Revista Macau que, para as gerações mais jovens da China, “Pessoa é como um amigo que entende a sua ansiedade”. E acrescenta que “o fenómeno pode ir muito além da literatura”: “Acho que muitos deles estariam interessados em visitar Lisboa, onde Pessoa passou a maior parte da sua vida”.

Yang Tiejun cruzou-se com a obra de Fernando Pessoa nos anos 1990, mas foi apenas na década seguinte, ao ler o poema “Tabacaria”, do seu heterónimo Álvaro de Campos, que percebeu a dimensão do que tinha diante de si. “Impressionou-me muito. Não sabia que se podia escrever poesia assim. Foi uma grande experiência, um

abrir de olhos. Então, comecei a ler a sua poesia e a traduzir. Publiquei as minhas traduções nas redes sociais e foram bem recebidas.” O resultado foi “Imagina Uma Rosa Futura – Antologia de Pessoa”, publicado em 2019 pela China Citic Press e que, conta o tradutor, tem acima de tudo poemas de Álvaro de Campos e ainda o conto “O Banqueiro Anarquista”.

O tradutor radicado na província de Shanxi nota que a poesia chinesa moderna deve muito às traduções de poetas estrangeiros, a que os escritores das novas gerações puderam ter acesso, e lembra assim o movimento perpétuo entre poetas, tradutores, leitores e idiomas – Nuno Júdice, por exemplo, recorda que alguns poetas clássicos chineses foram importantes numa fase inicial da sua poesia e diz-se admirador da obra de Jidi Majia e Yao Jingming. Por outro lado, uma colectânea de poetas chineses contemporâneos traduzida para português pela poetisa lusa Sara F. Costa e o projecto “mao-mao”, desenvolvido em Portugal pelo escritor Valério Romão e pelo poeta e músico José Anjos, cruzando poesia operária chinesa e música, aproximaram Gisela Casimiro da realidade artística chinesa. Pegando nas palavras da autora, “o espírito do poema é livre e vai-se moldando a cada encontro com os leitores”. O que quer que seja traído na tradução, “é compensado no quanto de aproximação ela permite – e aí reside o seu valor”. ▲

DIÁLOGO DE CULTURAS

Macau na rota do

Perto de celebrar 15 anos, o Museu do Oriente é hoje uma instituição multicultural que procura preservar o património material e imaterial de vários países asiáticos, incluindo a ligação secular entre Portugal e a China, através de Macau. Uma visita ao museu evidencia um diálogo enriquecedor entre o Oriente e o Ocidente

Texto | Luciana Leitão

GEORGE Chinnery, James Cooke e John Webbe são nomes que se encontram no Museu do Oriente, em Lisboa, com peças alusivas a Macau. O território está representado ao longo dos corredores do museu, sobretudo através de peças que terão feito parte das rotas do comércio entre o Oriente e o Ocidente.

Localizado na Doca de Alcântara, o Museu do Oriente foi inaugurado em 2008 e procura mostrar o património material e imaterial de vários países asiáticos, através das suas duas coleções.

A primeira intitula-se “Presença Portuguesa na Ásia” e inclui mais de duas mil obras, artefactos e objectos da Índia, Sri Lanka, Interior da China, Macau, Japão e Timor-Leste. A segunda chama-se “Kwok On”

e abrange mais de 15 mil objectos de uma área que se estende da Turquia ao Japão, entre os quais estão instrumentos musicais, marionetas, trajes, pinturas, gravuras, estatuetas e peças ligadas a rituais.

O museu reveste-se da missão de consolidar a comunicação entre o Oriente e o Ocidente, nomeadamente através da promoção do conhecimento, da arte e da cultura. Além das exposições, a instituição oferece também uma programação complementar todos os anos, acolhendo artistas, académicos, curadores e projectos cuja reflexão se foca na Ásia.

A chegada a Macau

No piso 1 do edifício, Alexandre Correia, técnico responsável pelo



Museu do Oriente



A coleção "Presença Portuguesa na Ásia" do Museu do Oriente inclui mais de dois mil artigos



O Museu do Oriente, na Doca de Alcântara, em Lisboa, foi inaugurado em Maio de 2008

Centro de Documentação António Alçada Baptista – Fundação Oriente/Museu do Oriente, pára em frente ao quadro “Panorâmica de Macau”, de William Andersen, do final do século XVIII, que mostra a quase totalidade do território, a partir da colina da Penha – sobretudo a principal mancha urbana das duas áreas portuárias (Porto Interior e Praia Grande) e a ligação, através do istmo, a uma das ilhas do território.

“É uma das imagens que mostro [nas minhas visitas] para tentar explicar porque é que os portugueses se conseguiram instituir em Macau, ser os primeiros europeus a viver em Macau e, a bem da verdade, os únicos europeus até ao século XIX a viver em território chinês, com autorização chinesa”, explica Alexandre Correia, no início de uma visita ao museu.

Também a propósito desta obra, Carlos Monjardino, presidente da Fundação Oriente – organismo que criou o Museu do Oriente –, dizia, gracejando, numa reportagem publicada no Diário de Notícias, por ocasião do décimo aniversário da instituição: “Gosto muito deste quadro, esteve muito tempo no meu gabinete. Depois roubaram-me o quadro que eu olhava todos os dias para vir para aqui [Museu do Oriente]. É uma Macau que já não existe. Com esta avidez do Museu de irem buscar as peças todas foram também ao meu gabinete.” Carlos Monjardino foi, na década de 1980, membro do governo de Macau.

Dos mapas a Chinnery

Toda a secção com mapas mostra a organização de Macau e a sua

evolução, assim como “algumas cenas da cidade de Macau, vista de determinadas perspectivas”, diz Alexandre Correia, que avança um pouco, parando em frente ao “Mapa de Macau, Taipa e Coloane”, de James Cook e Robert Bénard, de 1784.

O mapa topográfico da península de Macau e das ilhas adjacentes marca as profundidades e a rota seguida pelo capitão James Cook. “Para os ingleses, James Cook, que é quem descobre a Austrália, é como se fosse o nosso Vasco da Gama”, menciona Alexandre Correia. “O que é muito interessante é que ele, obviamente, quando faz a sua viagem para a Austrália, passa por Macau. Isto aqui é desenhado pelo punho dele”, destaca.

Ao lado, temos alguns trabalhos do pintor inglês George Chinnery (1774 – 1852), que viveu em



O quadro “Panorâmica de Macau”, de William Andersen, é importante nas visitas que Alexandre Correia lidera ao museu

Macau, de 1825 até à sua morte. Durante esses 27 anos, o artista britânico pintou e desenhou a cidade e as suas gentes, deixando centenas de óleos com retratos, paisagens e desenhos com cenas da vida quotidiana.

“Outra peça muito boa será esta do John Webber, quase um esboço”, diz Alexandre Correia, referindo-se à “Vista da gruta de Camões em Macau”, de 1788, que representa a igreja jesuíta do Colégio da Madre de Deus, antes da sua destruição por um incêndio, em 1835.

E aproveita para explicar a importância desta peça. “Prende-se com a questão de Camões ter ou

não ter estado em Macau, se salvou ‘Os Lusíadas’, se viveu numa gruta ou não.” Hoje em dia, refere, os historiadores dizem que “o facto de Camões ter estado em Macau não passa de uma lenda, é um mito inventado no século XIX exactamente para meter Camões como aquele herói sobrenatural que todos nós conhecemos”. Mas, olhando para este esboço de John Webber, nesta imagem do século XVIII, “já há aí uma pequena anotação, que nos remete para uma lenda, que diz que é a gruta de Camões em Macau, ou seja, o mito de que Camões esteve em Macau e nesta gruta não é criado no século XIX, como muita corrente

historiografia diz, uma vez que no século XVIII já havia esta menção”.

A Batalha de Macau

Durante a visita, Alexandre Correia pára diante de uma escultura que retrata um homem, não se percebendo a sua identidade, mas que data da época em que aconteceu a Batalha de Macau, travada em 1622 entre a guarnição portuguesa de Macau e o exército holandês. “Em 1580, nós perdemos o trono português e todo o império colonial português fica sob o domínio espanhol”, conta, explicando que foi então que outras potências europeias da

altura – os holandeses, os franceses e os ingleses – viram uma oportunidade para atacar os territórios onde estavam os portugueses.

“Se os holandeses dominassem Macau, cortavam o abastecimento para Manila e era mais fácil isolar os espanhóis para depois os atacar, mas depois, ao mesmo tempo, dominavam todo o comércio do Oriente com o Ocidente, via Macau”, declara, explicando porque esta peça, que remonta a essa altura, lhe parece de interesse. “Ninguém sabe se representa um português ou um holandês”, esclarece.

Macau, porém, iria continuar a servir de entreposto comercial, ao longo dos séculos, entre a China e Portugal, não só para troca de porcelanas, “o principal

comércio”, mas também para comércio de leques, que “agradavam aos portugueses”.

Isso leva o visitante à parte da exposição mais virada para o colecionismo. Não se tratando de peças exclusivamente de Macau, admite Alexandre Correia, são objectos que fizeram parte das trocas comerciais entre a China e Portugal, podendo ou não ter passado pelo território.

“Os portugueses trouxeram o leque, pela primeira vez, da China, por isso, ficou associado à China a descoberta e a invenção dos leques”, conta. Por outro lado, os leques são introduzidos na Europa também “graças aos portugueses”, acrescenta. “É por D. Catarina, mulher de D. João III. Quando os leques

vêm parar às mãos da rainha de Portugal, o leque é fácil de abrir e fechar, é muito fininho, é superelegante”, diz, explicando que é depois disto que a corte passa a usar este objecto, assim como a nobreza e o povo, generalizando-se na Europa.

Continuando a visita, Alexandre Correia aponta ainda para a colecção de louça ali presente, disposta de maneira a formar um dragão. “É outro produto que em Macau teve uma grande importância, juntamente com o chá”, diz, parando em frente a uma peça específica. “Esta peça é uma bacia que veio para a Europa com o fundo branco, e depois na Europa foi pintado o fundo”, descreve, apontando ao mesmo tempo para algumas peças de louça ali expostas



Peças de porcelana e leques contam parte da história do comércio entre a China e Portugal

pouco antes do início da pandemia da COVID-19.

“Estas últimas peças são feitas ao gosto ocidental para vender aos portugueses, porque os chineses apercebem-se do que queremos. Têm um prato branco e pintam as armas da família”, afirma, revelando que os chineses desenhavam então os motivos que interessavam aos europeus, de forma a conseguir vender estas peças. “E são várias regiões da China que produzem estas peças, mas é através de Macau que entram nos nossos navios para vir para a Europa”, explica.

A coleção de Pessanha e os frascos de rapé

No decorrer da visita, Alexandre Correia destaca aquela que considera ser “uma excelente” coleção de Camilo Pessanha, autor português que viveu em Macau entre 1909 e 1926. “O Camilo Pessanha deve ser dos primeiros europeus a cair na realidade e a aperceber-se da importância da beleza deste género de escrita chinesa”, afirma, mostrando as peças de caligrafia chinesa, patentes no Museu. “Na altura, estava na China, neste período de convulsões e revoluções, em que há grandes famílias chinesas que têm de fugir e vendem os seus bens ao desbarato”, conta, dizendo que é aí que Camilo consegue comprá-los.

A encerrar a visita, o especialista acaba por parar em frente à



© DIREITOS RESERVADOS



© DIREITOS RESERVADOS

A coleção dos frasquinhos de rapé inclui parte do espólio do antigo Presidente da República de Portugal Manuel Teixeira Gomes

coleção dos frasquinhos de rapé, aquele que considera ser um dos pontos altos do Museu do Oriente, dada a sua extensão. Parte da coleção do antigo Presidente da República de Portugal Manuel Teixeira Gomes, estes artefactos datam dos séculos XVIII a XX e marcam um momento importante na história. “Rapé é tabaco moído e nós acreditávamos que curava cataratas e dores de cabeça”, diz. No século XIX,

o ópio acaba por se tornar mais importante do que este produto, e “é aí que o comércio português entra em decadência”.

Dos mapas e quadros às coleções, com peças de Macau e outras que fizeram parte da rota do comércio na qual o território teve um papel como intermediário, o Museu do Oriente conta um pouco da história de Macau, partilhando-a com a história de outros territórios. ◀

ESGRIMA

Apostar na formação para crescer

A esgrima é uma modalidade em expansão em Macau. De acordo com a associação que tutela o desporto localmente, o investimento na formação – e na qualidade – tem desempenhado um papel essencial no crescimento do número de esgrimistas



Texto | Cherry Chan

“E N garde! Prêts? Allez!” é uma expressão que já se tornou parte do quotidiano de Wu Chong Him, de 16 anos. O dito francês – que significa “Em guarda! Prontos? Começar!” – marca o início de qualquer combate em esgrima, modalidade à qual o adolescente se dedica há uma década.

“Quero estar no palco durante a apresentação de prémios nos próximos Campeonatos Asiáticos de Cadetes e Juniores”, diz o esgrimista – ou atirador, como se designam na modalidade –, que ambiciona arrecadar uma medalha durante o evento, previsto para este mês no Uzbequistão. “Gosto muito de esgrima, aprendi a alocar o meu tempo em consonância, e vou continuar

no futuro quando estiver a estudar na universidade”, assegura.

Wu Chong Him faz parte de um número cada vez maior de jovens de Macau que está a aderir à esgrima. E não é muito difícil encontrar onde aprender a modalidade: há várias organizações e clubes privados a disponibilizar formação de diferentes níveis, para escalões etários que podem começar desde os quatro anos de idade. Além disso, a esgrima também está presente no desporto escolar e universitário. Nas palavras de Chan U Chun, presidente da Associação Geral de Esgrima de Macau, tal proliferação de opções de acesso ao desporto é um dos factores que está a contribuir para o seu desenvolvimento na cidade.

Apoio governamental

A disponibilização de recursos adicionais por parte do Governo local

para apoiar a modalidade é outro elemento destacado pelo dirigente associativo. Desde Setembro do ano passado que os esgrimistas da associação podem treinar no Centro de Formação e Estágio de Atletas, que é o primeiro complexo multifuncional do território especificamente destinado ao treino de desportistas de alto rendimento, a cargo do Instituto do Desporto. “É um espaço muito bom para nós”, sublinha Chan U Chun.

De forma a contribuir para a melhoria dos resultados internacionais dos esgrimistas locais, o responsável acrescenta que a associação contratou uma treinadora a tempo inteiro, “de nível avançado” – a antiga atleta olímpica chinesa Huang Jialing. “A nossa treinadora dá o seu melhor para ajudar os nossos atletas a melhorar, e outras organizações ajudam os jovens esgrimistas a construir uma base sólida”, sintetiza Chan U Chun. “Todos nós trabalhamos em conjunto para o desenvolvimento do desporto.”

De resto, a esgrima de Macau tem já presença marcada nos Jogos Asiáticos de Hangzhou, cuja edição de 2022 foi adiada para Setembro deste ano. Em termos de grandes competições recentes, a modalidade integrou a delegação desportiva do território à 14.ª edição dos Jogos Nacionais da China, realizada na província de Shaanxi em 2021.

“Sempre que houver oportunidade, queremos participar em diferentes competições, para que os nossos atletas ganhem mais

© CHEONG KAM KA



Chan U Chun, presidente da Associação Geral de Esgrima de Macau, está confiante no crescimento da modalidade a nível local



© CHEONG KAM YU

A esgrima de Macau vai estar nos Jogos Asiáticos de Hangzhou, agendados para Setembro

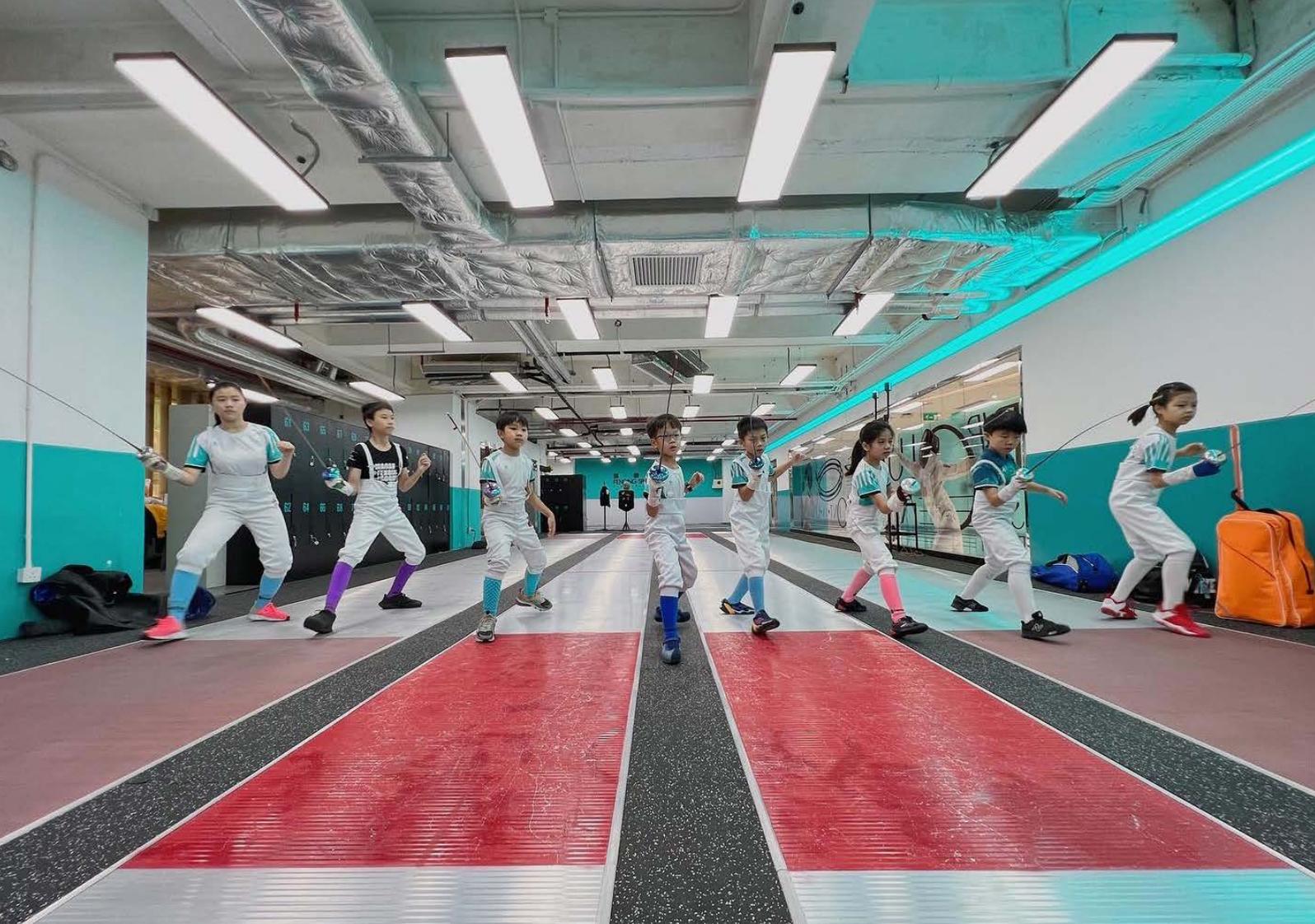
experiência e aperfeiçoem a sua técnica”, afirma Huang Jialing. A agora treinadora, que competiu nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, admite que a COVID-19 e as restrições associadas à pandemia trouxeram desafios no que toca à preparação dos desportistas locais, mas explica que a associação tentou contornar as barreiras, apostando numa maior diversidade ao nível dos métodos de treino.

Um dos membros mais experientes da equipa de Macau é Ng Keng Leong, praticante de esgrima há cerca de duas décadas e um dos atletas que representou o território

nos últimos Jogos Nacionais da China. Começou a ligação ao desporto em Macau quando era adolescente, continuou em Taiwan e, regressado ao território, manteve a prática. O desportista nota o desenvolvimento que a modalidade tem vindo a registar a nível local, beneficiando do apoio governamental. “O treino é agora mais científico, e eu quero aprender o máximo possível”, garante.

Tang Nga Hei, praticante de esgrima há cerca de dez anos, também integra os quadros da equipa de Macau, tendo já participado em diversas competições internacionais,

A equipa de Macau é treinada pela antiga atleta chinesa Huang Jialing, que competiu nos Jogos Olímpicos de Pequim



O Fencing Sports Group é uma das entidades locais que disponibiliza aulas de esgrima para crianças

© DIREITOS RESERVADOS

incluindo na edição de 2019 das Universíadas de Verão, que decorreram em Nápoles, em Itália. Licenciada e já a trabalhar, diz que o charme da modalidade é que “ser o mais rápido ou o mais forte não é necessariamente sinónimo de ser o vencedor”. “É necessário possuir estratégias diferentes para enfrentar adversários com características diferentes, o que é muito desafiante”, explica.

Da nobreza à actualidade

A esgrima é um desporto de combate descendente de técnicas

ancestrais de utilização de armas brancas para fins de guerra e protecção pessoal. A modalidade integra os Jogos Olímpicos da Era Moderna desde a sua primeira edição, em 1896.

Disputada em três diferentes disciplinas, correspondentes às diferentes armas existentes no desporto – florete, espada e sabre (ver caixa) –, na esgrima, cada assalto opõe dois adversários, frente a frente, sobre uma pista metálica com 14 metros de comprimento e 1,5 metros de largura. Para além da vertente de competição,

a modalidade tem-se vindo a afirmar também como uma forma de prática de actividade física, adaptada a todas as idades. Entre outros benefícios, pode contribuir para a melhoria da coordenação motora dos praticantes, capacidade de concentração e destreza técnica e mental.

É difícil apontar o momento exacto em que a esgrima moderna entrou no território enquanto prática desportiva, até porque, durante a administração portuguesa de Macau, era uma das actividades de lazer dos soldados portugueses

destacados na cidade. Há registos relativos à modalidade no âmbito do desporto escolar que remetem para os anos 1920. Outras publicações referem a participação, em

1946, da Equipa Militar de Esgrima de Macau em torneios contra uma congénere de Hong Kong, bem como a vinda ao território, no mesmo ano, de equipas japonesas de esgrimistas.

Ainda assim, a esgrima teve de esperar até 1997 para surgir como modalidade organizada na cidade. Esse foi o ano da fundação da Associação Geral de Esgrima de Macau, entidade que actualmente tutela o desporto a nível local, integrando a Federação Internacional de Esgrima e a Federação Asiática de Esgrima.

Regras de combate

O OBJECTIVO da esgrima passa por tocar no adversário com a arma sem ser tocado. O vencedor de um combate de eliminação directa é aquele que for capaz de conquistar 15 pontos (15 toques) antes do seu adversário ou, chegado ao final o tempo regulamentar, aquele que tenha mais toques contabilizados a seu favor.

Existem três disciplinas, referente às três armas disponíveis na modalidade: florete, espada e sabre. Cada disciplina possui regras próprias. Por exemplo, no florete, a mais leve das três armas, o toque tem de ser efectuado com a ponta da arma, sendo que este apenas será válido se for na zona do tronco (barriga, peito e costas). Tal como no florete, na espada, o toque só é válido se ocorrer com a ponta da arma, mas a zona válida corresponde a todo o corpo. Por fim, no sabre, o toque pode ser efectuado com ponta ou com o gume e contra-gume da arma, sendo válido se ocorrer no tronco, cabeça ou braços do adversário.

Tanto no florete como no sabre, aplica-se a regra que dá prioridade ao esgrimista que ataca. Isto é, sempre que ocorrerem toques válidos simultâneos, apenas pontua o esgrimista que está em momento atacante. Já na modalidade de espada, tal não acontece, ou seja, pontuam ambos os atletas em caso de toque simultâneo válido. ▲

Esgrimistas de palmo e meio

Já com uma década de actividade, o Fencing Sports Group é uma das entidades locais que recebe aspirantes a esgrimista de tenra idade. O treinador Ieong Mou Wan refere que começou a praticar a modalidade quando estava a estudar no exterior. “Voltei a Macau em 1995 e, nessa altura, não existia esgrima na comunidade chinesa local”, recorda. Nos anos seguintes, Ieong Mou Wan dedicou-se, em conjunto com alguns amigos, a promover o desporto, através da organização de aulas e actividades, apoiando também o estabelecimento da Associação Geral de Esgrima e participando em competições.

O responsável explica porque é que o Fencing Sports Group decidiu começar a aceitar crianças em idade de ensino infantil para o treino de esgrima. Segundo Ieong Mou Wan, nos primeiros anos do grupo, e por várias vezes, os atletas participavam em competições no exterior, mas tinham dificuldades em obter sucesso. “Os nossos

adversários tinham a mesma idade do que os nossos esgrimistas, mas tinham começado a praticar a modalidade desde muito cedo, com quatro ou cinco anos, enquanto os nossos atletas só começavam por volta dos dez anos de idade.”

Desde então, o Fencing Sports Group tem concentrado uma parte significativa da sua actividade em despertar o interesse das crianças pela esgrima e em treinar esgrimistas de palmo e meio. Entre eles está Chiquita Bela Cunha: a menina de sete anos estreou-se na modalidade durante o segundo ano do jardim-de-infância. Na sua opinião, a esgrima é um desporto “muito divertido” e onde pode “aprender mais coisas”.

Já com 11 anos, a esgrimista Lei I Lam concorda que a modalidade oferece algo mais aos atletas do que mera boa forma física. “As ideias,

os pensamentos que tenho quando tento lidar com alguns desafios em competições de esgrima, podem ser adoptados para o meu estudo e a minha vida quotidiana”, afirma.

O treinador Ieong Mou Wan destaca a importância do apoio dos pais para o sucesso dos pequenos esgrimistas. “Os nossos estudantes são crianças muito pequenas: quando vêm, é necessário terem os pais com elas. Podemos dizer que, sem o apoio de toda a família, estas crianças não podem gozar em pleno da esgrima.”

De resto, o impacto mediático da medalha de ouro obtida nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2021, pelo esgrimista Cheung Ka-long, da cidade vizinha de Hong Kong, também ajudou os clubes em Macau. De acordo com várias notícias publicadas na altura, a vitória de Cheung traduziu-se então num aumento súbito do interesse pelo

desporto, com um salto nos pedidos de informação e inscrições nas escolinhas da modalidade.

Esgrima superior

O desporto escolar e universitário tem provado ser uma outra área de recrutamento para a esgrima local. A associação geral da modalidade tem levado a cabo diversas actividades e workshops em escolas para cativar jovens para o desporto.

Ao nível do ensino superior, existem várias equipas de esgrima em Macau. Com cerca de duas décadas de história, a Equipa de Esgrima da Universidade de Macau promove a modalidade em duas vertentes: enquanto desporto de alta competição e enquanto actividade recreativa.

O treinador Lok Man Tak garante que o nível dos esgrimistas da equipa tem vindo a subir. “No passado, muitos atletas começavam a aprender esgrima apenas quando chegavam aqui. Nos últimos anos, temos alguns estudantes-atletas destacados, o que eleva o nível global da nossa equipa”, afirma.

Os esgrimistas apenas podem pertencer à equipa da universidade durante o tempo em que são estudantes na instituição. Por isso, diz Lok Man Tak, é essencial agarrar cada chance disponível para competir, seja em eventos interuniversitários, seja em provas regionais ou nacionais. “Cada competição é uma oportunidade para eles aprenderem”, defende o treinador.

© DINEIDS RESEMANOS



A modalidade tem forte presença no desporto universitário local, com a realização anual de uma competição interuniversitária



A esgrimista Tang Nga Hei representou Macau na edição de 2019 das Universíadas de Verão, em Itália

“Podemos observar o nível da esgrima noutros locais e instituições e podemos ganhar experiência.”

Praticante de esgrima desde os tempos da escola primária, o atleta Li Ji afirma que o seu desempenho registou um salto com a entrada para a equipa da Universidade de Macau. “Tinha atingido um estado de estagnação durante o ensino secundário, mas desde que estou na universidade tenho mais tempo para praticar e o treino oferecido aqui é mais científico e sistemático”, aponta. “Por isso, sinto que fiz avanços.”

Kang Jingrui é outro dos membros da equipa da Universidade de Macau: tal como Li Ji, também se iniciou cedo na esgrima. A esgrimista recorda a sua primeira competição a nível nacional, onde enfrentou uma sexagenária, antiga atleta pelas cores da República Popular da China. “Ela era muito enérgica. Talvez eu fosse mais rápida em termos de reacção, mas ela era muito forte. Isto fez-me pensar que seria óptimo se, muitos anos mais tarde, eu também pudesse estar em tão boa forma.”

A porta da equipa da Universidade de Macau está igualmente aberta a quem nunca tenha antes manuseado um florete, espada ou sabre. É o caso de Du Yuanchi, que apenas se iniciou nas lides da modalidade quando chegou ao campus da universidade, na Ilha de Hengqin. “Aprendo esgrima aqui. Depois de me formar, continuarei a praticar esgrima. Este desporto mantém-me em boas condições físicas e, porque requer concentração, também me ajuda a libertar da pressão do dia-a-dia”, diz a jovem. ◀

a minha cidade

PÉRIPOLO PELA IRREFUTABILIDADE



DA MEMÓRIA



Formada em arquitectura pela University of New South Wales na Austrália, **Christine Choi** regressou a Macau em 2010 e encontrou uma cidade em metamorfose constante, muito diferente daquela em que cresceu. Mas a actual presidente da Associação de Arquitectos de Macau redescobriu também um tecido urbano onde ainda sobrevivem registos, elementos e espaços onde a identidade cultural de Macau permanece viva. É esse legado que, em conjunto com o marido – o também arquitecto Jimmy Wardhana –, se propõe salvaguardar

Texto | Marco Carvalho

“**A**QUILO que procuro fazer nos meus dias de folga é encontrar, em Macau, espaços onde possa respirar”, diz Christine Choi, que cresceu a acompanhar o desenvolvimento veloz de Macau. “Os locais que costumo frequentar têm, em grande medida, essas qualidades; são locais onde bebo a cultura de Macau, onde mergulho nas raízes de Macau e que, ao mesmo tempo, me transmitem uma sensação de paz e de tranquilidade”, acrescenta.

A Macau de Christine Choi é feita de pedra, taipa e memória, mas também – e sobretudo – do subtil rumor dos dias, ancorado em ecos inefáveis de um tempo pretérito. Não se esgota na solenidade secular dos monumentos, na quietude dos mangais e das veredas ou na nostálgica simplicidade dos pátios, de que se mostra uma acérrima defensora. Tem, isso sim, uma tessitura intangível, na qual as impressões do passado são os inestimáveis fios com que se urde o futuro.

a minha cidade

01 História, memória e afectos

NÃO há identidade sem memória e poucos espaços moldaram a identidade de Macau como o pequeno promontório onde Oriente e Ocidente se tocam com maior complicidade como o esqueleto da Igreja da Madre de Deus em íntima comunhão com o templo do deus-criança Na Tcha. Tão singular exemplo de cumplicidade permeia também o percurso de vida de Christine Choi, nascida a dois passos de distância, entre paredes e costumes seculares.

“Eu nasci naquela zona, na rua por detrás daquela área. Passava por ali praticamente todos os dias para ir para a escola”, explica. “É uma zona que desperta em mim muitas memórias de infância e, mesmo hoje em dia, é um lugar onde regresso com bastante frequência. Há uma ligação especial entre a Igreja e o templo”,

considera a presidente da Associação dos Arquitectos de Macau.

Mas os encantos da zona não se esgotam na muda voz das pedras e nas histórias que têm para contar. Há um património vivo – que urge preservar - que sobreviveu às hordas de turistas e à vertigem dos dias. “Mesmo ao lado do templo, por detrás daquele troço das antigas muralhas, está o Pátio do Espinho, que é uma aldeia dentro da cidade. Reflecte bem aquilo que Macau costumava ser”, argumenta Christine Choi.

“Era neste pátio que moravam muitos dos trabalhadores e artesãos japoneses que construíram a Igreja. Ao preservar o pátio, preservamos a memória das pessoas que ali moraram. Mesmo do ponto de vista do tecido urbano, é uma zona muito interessante. Os edifícios têm um ou dois andares, o que permite ter noção da escala das relações de vizinhança que se moldavam nos pátios”, salienta.

02 Uma varanda para o futuro

SE UM nome tinha, há muito que o perdeu. O outeiro onde a fachada da antiga Igreja da Madre de Deus se ergue é hoje um mero prolongamento das encostas que levam ao topo da Colina do Monte, um dos espaços a que Christine Choi regressa com frequência para respirar, para mergulhar no passado e projectar o futuro.

Instalada no topo da colina desde o início do século XVII, a Fortaleza do Monte é, para a arquitecta, como que uma varanda que se abre para um outro tempo e um outro mundo. “Gosto de subir até à fortaleza através daquelas escadas-rolantes. É como entrar numa máquina do tempo que nos leva a uma outra Macau”, ilustra.

“Costumava subir até lá acima muitas vezes quando era criança e a vista era muito diferente da que alcançamos hoje. Quando lá regresso, não é bem uma observadora que me sinto. É mais como se fosse uma terceira pessoa, a olhar para aquilo que Macau era e para o ponto onde nos encontramos agora”, acrescenta.

Mas mais do que uma romagem de saudade e de reminiscência, as incursões à colina que resguarda o coração pulsante de Macau ajudam Christine Choi a perspectivar o futuro da cidade onde nasceu. “Regressei há pouco



Templo de Na Tcha, junto às Ruínas de S. Paulo

© INSTITUTO PARA OS ASSUNTOS MUNICIPAIS



Passadiços ecológicos na Taipa

mais de uma década e a verdade é que a cidade mudou muitos em alguns aspectos. Este momento de pausa que a Fortaleza do Monte me permite ajuda-me a viver mais profundamente esta cidade, a reflectir, a interrogar-me sobre o que se segue para Macau”, sublinha.

03 A chamada da Natureza

SE A península de Macau, onde Christine Choi viveu os verdes anos de infância, é uma janela aberta para o passado e para o tipo de relações humanas que ajudaram a fazer do território um ponto de convergência de culturas, a Taipa e Coloane são, para a arquitecta, como que um miradouro para o futuro. Ou, pelo menos, para o futuro

que a arquitecta deseja e perspectiva para os seus filhos.

“Vivo na Taipa agora e, por vezes, quando sinto necessidade de escapar às multidões, vou até à Avenida da Praia e passeio com os meus filhos por aquela área de terras húmidas que ali há. A zona foi reactivada, um passadiço foi construído e esta experiência é interessante e é importante”, admite.

“Há alturas em que me parece que Macau está a avançar depressa demais e nós, de certo modo, perdemos noção de onde estamos, de quem somos e daquilo que verdadeiramente importa. Locais como este, como as Terras Húmidas da Avenida da Praia, são muito relevantes para uma cidade como Macau, porque oferecem a quem cá vive um espaço onde se

pode afrouxar e respirar”, sustenta Christine Choi.

As áreas como Coloane, as colinas da Taipa Grande e da Taipa Pequena e as zonas de mangais da orla costeira têm o condão de sensibilizar as novas gerações para o que verdadeiramente importa. “Por exemplo, há bastantes pássaros em locais como estes. É um bom local para os ouvir cantar. São pequenos estímulos que são muito importantes para as crianças, para as novas gerações ou até para nós. Tornam-nos mais humanos”, assume.

04 A vez e a voz das deusas

OS RESORTS integrados que se tornaram num símbolo incontornável da nova Macau – e que servem de

a minha cidade

+MACAU

pano de fundo à bucólica quietude das zonas húmidas da Taipa – mantêm residentes e visitantes ancorados à realidade do território, mas na ilha-pulmão de Coloane há ainda recantos onde a imersão na Natureza é quase total.

Os trilhos que atravessam a ilha são paragens frequentes

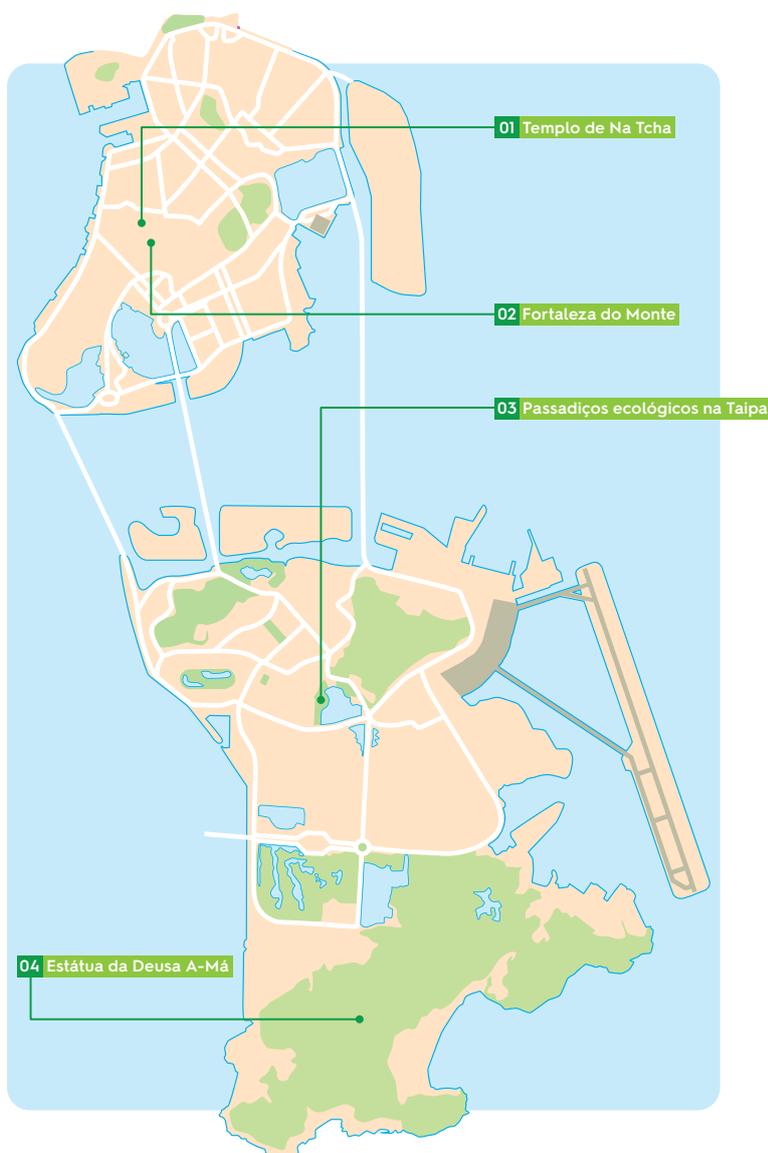
no planisfério sentimental de Christine Choi e é ali, à sombra da estátua monumental da deusa A-Má, que a essência de Macau se faz mais tangível, em convivência com outra deusa e outro ícone.

“Percorro muitas vezes os trilhos com os meus filhos e paramos muitas vezes naquela zona

da estátua. É muito diferente da estátua da Deusa da Misericórdia que está na frente ribeirinha de Macau. Ainda assim, aquilo que sinto é que estas estátuas sintetizam bem aquilo que é Macau”, defende a arquitecta. “Quando olhamos para a estátua da deusa Kun Iam, apercebemo-nos de que tem um semblante ocidental, mas a vibração que ela emana é muito pacífica”, realça.

Construído na recta final do período de administração portuguesa, o Centro Ecuménico Kun Iam nunca chegou a atingir o potencial turístico que a determinada altura lhe foi antecipado, mas para Christine Choi o facto de a meta não ter sido alcançada não se prefigura necessariamente um aspecto negativo. “Quando o Centro Ecuménico foi construído, não estava a viver em Macau. Quando regresssei, apercebi-me da estátua, mas só muito mais tarde me apercebi que havia um espaço museológico por baixo. Sempre que lá vou sinto-me como se tivesse descoberto um local secreto e isso é muito interessante”, conta.

“Nesse sentido, não me incomoda nada que as pessoas não conheçam este local. Ou que não conheçam alguns dos pátios. Se Macau conseguir preservar alguns locais como estes, é bom para a cidade e é bom para as pessoas. Nem todos os locais precisam de ser como o templo de A-Má ou o Largo do Senado”, conclui.





ANTONIETA MANHÃO E A GASTRONOMIA COM FUTURO

A participação, em 2016, na versão tailandesa do concurso televisivo “Iron Chef” ofereceu-lhe – a ela, mas também à gastronomia macaense – uma visibilidade sem precedentes. Antonieta Manhão fez da divulgação da história, dos sabores e das virtudes da cozinha macaense uma missão

gastronomias

Texto | Marco Carvalho

Fotografia | Cheong Kam Ka

O EDIFÍCIO passa quase despercebido por entre o fulgor revivalista de que comungam as ruas de São Lázaro, mas insinua-se com a força de uma metáfora. É a partir deste espaço que Antonieta Manhão perspectiva um amanhã sorridente para a gastronomia macaense, um futuro em que formação e divulgação caminham de mãos dadas.

Conhecida dentro e fora das fronteiras do território como chef Neta, Antonieta Manhão tornou-se uma das mais conhecidas embaixadoras da cozinha macaense depois de ter disputado, em Janeiro de 2016, a versão tailandesa do concurso televisivo “Iron Chef”. A visibilidade granjeada com a participação no programa valeu-lhe desde então a presença em inúmeras acções de promoção e de divulgação da gastronomia macaense conduzidas pela Direcção dos Serviços de Turismo, tanto no Interior da China, como noutras paragens do planeta.

Desde que foi inscrita na lista do Património Cultural Imaterial da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), há pouco mais de uma década, a cozinha macaense alcançou uma proeminência inédita, mas é necessário mais do

que divulgar para que o percurso se estenda para além de um vasto passado. Para que possa ter também futuro, argumenta Antonieta Manhão, mais do que disseminar os sabores, é fundamental cultivar os saberes macaenses.

“As promoções feitas fora de Macau servem, realmente, para que as pessoas fiquem a conhecer mais sobre a gastronomia macaense. Não há problema nenhum com estas acções promocionais”, admite a cozinheira. “O problema é quando as pessoas que assistiram a estas iniciativas vêm a Macau e me perguntam: ‘A comida que a Neta esteve a promover... Onde é que esta comida pode ser encontrada em Macau?’ Por vezes questionam-me onde podem comer tacho ou capela ou outro prato qualquer e eu não lhes sei responder”, assume.

A designação de Macau como Cidade Criativa da UNESCO na área da Gastronomia, em 2017, acrescentou achas à fogueira do entusiasmo em que fervilha aquela que é muitas vezes considerada como “a primeira cozinha de fusão do mundo”. Cientes do capital histórico, cultural e até económico inerente a pratos como o diabo, o arroz carregado ou o porco balichão tamarindo, as autoridades da RAEM lançaram, em Novembro de 2020, a Base de Dados da Cozinha Macaense.

A iniciativa merece o aplauso de Antonieta Manhão, mas mais do que

resgatar práticas e receitas mais ou menos herméticas à voragem do tempo, importa ressuscitá-las, trazê-las de volta à vida e é exactamente isso que Antonieta Manhão se propõe fazer no espaço da Calçada da Igreja de São Lázaro onde instalou um estúdio de formação gastronómica.

“Todos conhecemos o trabalho que foi feito com a base de dados de receitas de comida macaense. É um esforço importante, mas é necessário colocar este conhecimento em prática. Não basta colocar uma coisa cá para fora sem saber se ela resulta ou não”, defende a cozinheira macaense.

“E como é que se coloca este conhecimento em prática?”



As promoções feitas fora de Macau servem, realmente, para que as pessoas fiquem a conhecer mais sobre a gastronomia macaense

ANTONIETA MANHÃO
CHEF

A organização de workshops, por exemplo. Em países como a Tailândia e o Vietname é possível encontrar aulas de culinária por todo o lado. Quando gostam dos pratos que comem, as pessoas tentam saber mais sobre o modo como essas iguarias são preparadas e a verdade é que, aqui em Macau, há poucos restaurantes onde se serve comida macaense, mas há ainda menos oportunidades para aprender a prepará-la”, argumenta Antonieta Manhão. “Há poucos workshops. Há acções de formação esporádicas no Instituto de Formação Turística de Macau, há algumas associações macaenses

que promovem workshops, mas não chega.”

A FALTA QUE UMA ESTRELA FAZ

Os quase três anos da pandemia da COVID-19 trocaram as voltas à experiente chef, mas Antonieta Manhão está apostada em recuperar o tempo perdido. Após o Ano Novo Lunar, arrancou a primeira das muitas acções de formação que tenciona ministrar este ano: “Durante estes anos de pandemia, tive a oportunidade de orientar vários workshops para os alunos do Instituto de Formação Turística de Macau. Começaram a ser organizadas acções de formação

nas escolas e isso é importante, mas eu também quero dar o meu contributo”, assume Antonieta Manhão.

Ao trabalho desenvolvido através dos workshops, Antonieta Manhão acrescenta colaborações esporádicas com restaurantes de alguns dos mais conceituados hotéis de cinco estrelas do território, como a parceria que a levou à cozinha do conceituado “The Manor” durante dois anos consecutivos. Pelas unidades hoteleiras e pelos resorts do território deverá passar, de resto, o futuro da gastronomia macaense. O sector, defende Antonieta Manhão, tem o dever de ajudar a elevar o estatuto dos pratos e sabores autóctones de Macau e contribuir para que a cozinha macaense alcance uma outra projecção a nível internacional.

“Porque é que não se exige que cada um dos hotéis de cinco estrelas tenha um restaurante macaense?”, questiona. “Por outro lado, temos restaurantes franceses, italianos e chineses em Macau com estrelas Michelin. Porque é que a comida macaense não tem? Temos de trabalhar com convicção nesse sentido. Temos de conquistar pelo menos uma estrela para um prato macaense. E porque é que falo numa estrela? Estou convicta de que se houver um prato macaense com uma estrela, tudo muda”, afirma Antonieta Manhão, sem dúvidas de que, com o impulso certo, a gastronomia macaense pode ter mais futuro do que passado. ▲



roteiro

+ EXPOSIÇÃO

Nas graças de Tou Tei

Em tempos generalizada, a actividade agrícola é, nos dias que correm, residual em Macau. Os ecos das práticas e dos labores de outrora sobrevivem pontualmente na toponímia – a Rua do Campo e o Bairro da Horta da Mitra são disso bons exemplos –, mas é na devoção popular ao deus Tou Tei que o vínculo telúrico é mais evidente: o Deus da Terra é um dos mais populares do panteão chinês e em Macau é celebrado numa dezena de templos e em quase uma centena e meia de altares votivos espalhados pela cidade.

Inscrito na Lista Nacional de Itens Representativos do Património Cultural Intangível da China em 2021, o culto de Tou Tei dá o mote à exposição “Uma Terra Abençoada – Crença e Costumes de Tou Tei em Macau”. A mostra aborda quatro grandes temas e apresenta cerca de 100 peças alusivas à forma como a devoção ao Deus da Terra tem sido perpetuada no território.



© DIREITOS RESERVADOS

Entre os objectos e adereços expostos estão livros, estátuas, inscrições e fotografias que ajudam a revelar “como a crença e os costumes de Tou Tei se enraizaram, persistiram e se desenvolveram em Macau”.

“Uma Terra Abençoada – Crença e Costumes de Tou Tei em Macau”

LOCAL Museu de Macau

DATA Até 23 de Abril

HORÁRIO Terça-feira a Domingo, das 10 às 18 horas



MAIS INFORMAÇÃO

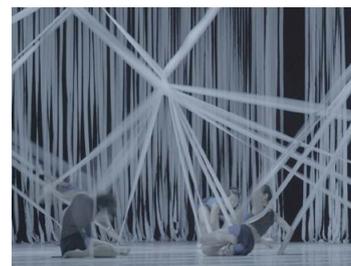
+ EVENTO

Ensaio sobre a sedução

Emoções à flor da pele, movimentos intensos, ostentação e sedução visual. Estes são alguns dos estímulos que a companhia de dança Teatro Hou Ying, de Pequim, traz a Macau em Março.

Pontuado pela suavidade e pelo arrojo artístico, o espectáculo de dança contemporânea “Percurso” combina projecções de vídeo, um cenário estilizado e a fisicalidade da dança para explorar sentimentos como o desejo e a sensualidade.

Concebida por Hou Ying – uma intérprete e coreógrafa premiada, com um percurso artístico elogiado tanto na China, como nos Estados Unidos –,



© DIREITOS RESERVADOS

a coreografia convida à auto-reflexão, com os dançarinos a moverem-se no interior de um espaço fictício ao som de música experimental criada de propósito para a produção.

Na primeira incursão pelos palcos do território, a criadora chinesa vem também para ensinar. Hou Ying vai orientar uma acção de formação na qual se propõe a partilhar conceitos coreográficos e técnicas de linguagem corporal.

“Percurso”

LOCAL Pequeno Auditório do Centro Cultural de Macau

DATA 10 e 11 de Março

HORÁRIO 19:45

PREÇO 180 patacas



WEBSITE
www.ccm.gov.mo

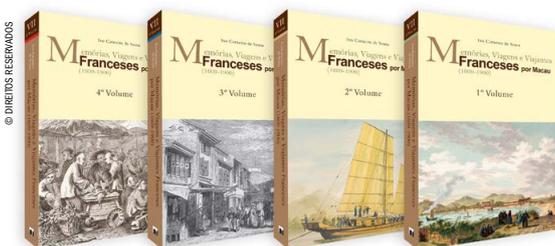
+LIVRO

Macau, a ligação francesa

É nos relatos dos viajantes, principalmente nos dos viajantes estrangeiros, que se encontram algumas das mais completas e detalhadas descrições de Macau. Ao inglês Peter Mundy, que visitou o território no Verão de 1637, deve-se uma das mais célebres e completas descrições do esplendor da igreja da Madre de Deus, mas ao longo dos séculos foram centenas os visitantes que verteram para o papel as suas impressões de Macau e do encontro de culturas que sempre proporcionou.

Investigador da Universidade Politécnica de Macau, o historiador Ivo Carneiro de Sousa procedeu, ao longo da última década, a um levantamento exaustivo dos testemunhos legados por viajantes franceses que visitaram o território entre 1609 e 1900.

O resultado de dez anos de investigação está sintetizado em “Memórias, Viagens e Viajantes Franceses por Macau (1609-1900)”, uma obra monumental que agrupa, em quatro volumes, uma colecção de 295 memórias textuais de Macau, produzidas por diplomatas, missionários, militares, geógrafos ou jornalistas e que incidem sobre aspectos como a vida social e económica das gentes que tinham o território como casa.



Memórias, Viagens e Viajantes Franceses por Macau (1609-1900)

AUTORIA Ivo Carneiro de Sousa

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA História

IDIOMA Português

EDITOR Instituto Cultural de Macau

PREÇO 920 patacas

+NA REDE

A Macau que permanece na memória

Ao longo dos quase cinco séculos em que se postulou como um dos exemplos mais bem conseguidos do encontro de culturas e civilizações, Macau gozou sempre de uma relevância política, diplomática e civilizacional sem correspondência com a sua exiguidade territorial.

É, em parte, essa expressão de valor que a Casa de Macau Austrália se propõe salvaguardar no seu novo website, ao reservar uma secção do portal electrónico à história, genealogia e essência da cultura macaense, com testemunhos históricos e pessoais que ajudam a perceber de que forma a comunidade dos “filhos da terra” se desenraizou e tornou global.

Com cerca de 600 membros, a Casa de Macau Austrália agrupa os macaenses – e seus descendentes – que se radicaram no país e é um dos bastiões de uma diáspora global. A ligação ao território, à história, à língua e aos costumes da comunidade mantém-se, mesmo a seis mil quilómetros de distância.



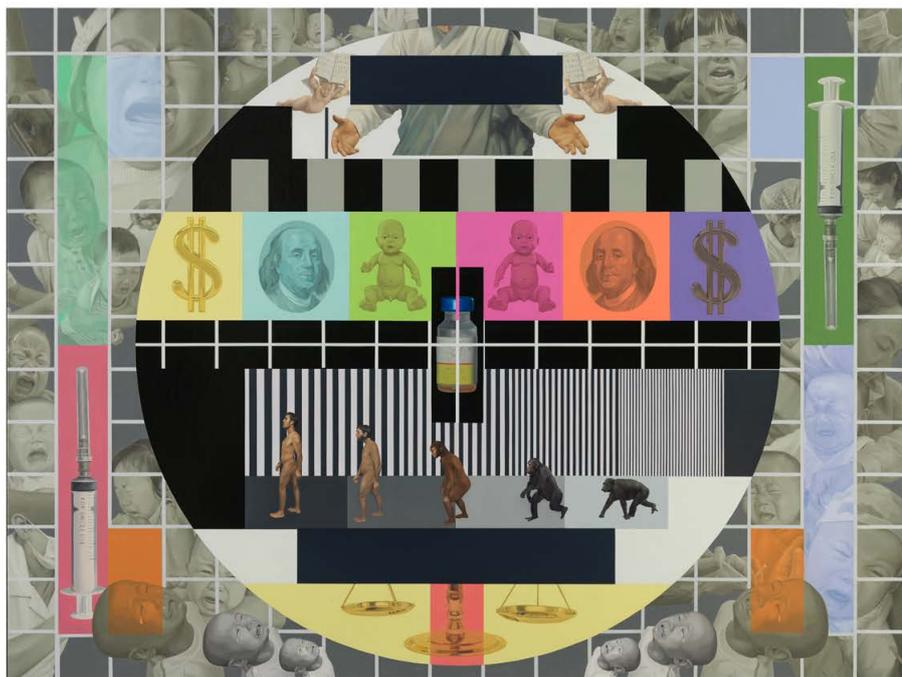
ORGANIZAÇÃO Casa de Macau Austrália

CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA Diáspora Macaense

IDIOMA Inglês



WEBSITE
<https://casademacau.org.au/>



“ACCIDENT - GROUP PAINTING” (2020)
Óleo sobre tela – 250cm (comprimento) x 130cm (altura)

Sit Ka Kit

NATURAL de Macau, Sit Ka Kit é um dos nomes em ascensão no panorama artístico local. Nascido em 1991, a sua obra “Impressões” foi galardoada com o “Prémio Jovem Artista” no âmbito da edição de 2021 da “Exposição Colectiva das Artes Visuais de Macau”, certame organizado pelo Instituto Cultural de Macau. No mesmo ano, Sit Ka Kit participou ainda na “Arte Macau: Bienal Internacional de Arte de Macau”.

O artista foi um dos convidados pelo Instituto Cultural para um programa de arte urbana. Em conjunto com outros membros da Associação de Arte Juvenil de Macau, criou um grupo de pinturas murais na escadaria de pedra situada na Rua de Tomás da Rosa, na península de Macau, trabalho completado há cerca de um ano.

As suas obras já estiveram expostas em diversas cidades do Interior da China, incluindo mostras a título individual em Guangzhou e Zhongshan, bem como participação em exposições colectivas em Guangzhou, Wuhan e Shantou.

O artista é actualmente docente a tempo parcial na Faculdade de Inovação e Design da Universidade Cidade de Macau. Antes disso, concluiu em 2016 uma licenciatura na Escola Superior de Artes do então Instituto Politécnico de Macau (actualmente Universidade Politécnica de Macau), seguido de um mestrado em belas-arts na Academia de Belas-Artes de Guangzhou, em 2019. ▀

Email:
sunnysit1991@icloud.com



澳門大賽車博物館
MUSEU DO GRANDE PRÉMIO DE MACAU
MACAO GRAND PRIX MUSEUM

*Sintam o
Museu do Grande Prémio!
Adquira o seu bilhete
no museu ou online*

<https://eticket.macaotourism.gov.mo>



Add : Rua de Luís Gonzaga Gomes n.º 431, Macau
Webside : mgpm.macaotourism.gov.mo

Coleccione Selos
de Macau

澳 門 郵 票 收 藏

Collect
Macao's Stamps



31/03/2023

澳門基本法頒佈三十周年

30.º Aniversário da Promulgação da Lei Básica de Macau
30th Anniversary of the Promulgation of the Basic Law of Macao

集郵微信QRcode



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau